

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

Ester Miranda Lemos

**"Sou Viradouro, sou paixão": sociabilidade, memória e identidade na escola
de samba Unidos do Viradouro**

Niterói
2023

ESTER MIRANDA LEMOS

**"Sou Viradouro, sou paixão": sociabilidade, memória e identidade na escola
de samba Unidos do Viradouro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado por ESTER MIRANDA LEMOS, matrícula 118033020, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharel em PRODUÇÃO CULTURAL, pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação da professora Marina Bay Frydberg.

Niterói
2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

L555" Lemos, Ester Miranda
"Sou Viradouro, sou paixão": sociabilidade, memória e
identidade na escola de samba Unidos do Viradouro / Ester
Miranda Lemos. - 2023.
61 f.: il.

Orientador: Marina Bay Frydberg.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2023.

1. Escola de samba. 2. Carnaval. 3. Sociabilidade. 4.
Memória e identidade. 5. Produção intelectual. I. Frydberg,
Marina Bay, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao **décimo nono dia do mês de dezembro do ano de 2023**, às **onze horas**, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado "**Sou Viradouro, sou paixão**": **sociabilidade, memória e identidade na escola de samba Unidos do Viradouro**, apresentado por **Ester Miranda Lemos**, matrícula **118033020**, sob orientação do(a) **Dra. Marina Bay Frydberg**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Marina Bay Frydberg**
2º Membro: **Ma. Ana Clara Vega Martinez Veras Ferreira**
3º Membro: **Ma. Sthefanye Silva Paz**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição: 10,0

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

*Dedico esse trabalho à minha vó Ilza e à minha mãe Edileusa,
por todo apoio e amor, sempre.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe, por todo apoio e amor dedicados a mim. Por cada abraço, conselho, cuidado e preocupação em me ver bem. Por ser meu maior exemplo de força, determinação e amor. Não estaria aqui sem você, minha nordestina arretada! Obrigada por tudo, mãe!

À minha família, por ter me apresentado o samba e a Viradouro. Agradeço por todo apoio e por estarem presentes em todos os momentos. Em especial, agradeço à minha vó Ilza, ao meu pai Aldemir e às minhas tias Adenair e Alcinéa. Agradeço ao meu irmão Artur, por ser meu amigo e meu protetor.

Aos meus gatos Lua, Zeca e Frajola, por me mostrarem uma outra forma de amor.

Aos meus amigos e professores que o Colégio Pedro II Niterói me fez conhecer, em especial Amandy, Calmon (em memória), Suzane, Viviane e Amanda. Obrigada por todo apoio e por terem feito o ensino médio ser um momento também de amor e encontros potentes que a vida proporciona.

À equipe da SMC de Niterói, por todo aprendizado e experiências desde o período de estágio.

Aos meus amigos e também companheiros de trabalho, que me ouviram falar durante alguns meses sobre o TCC, aliviaram meu humor com muitas risadas e copos da felicidade! Muito obrigada pelo apoio e conselhos nesse período, em especial: Sérgio, Raphaela e Anderson.

Ao meu amor e companheiro de vida, Douglas. Obrigada por todo amor, companheirismo, cuidado e carinho durante todo esse processo de escrita do TCC. Obrigada por segurar minha mão e acreditar que tudo iria dar certo. Compartilhar a vida com você é um prazer imenso.

Agradeço a todas as pessoas que conheci na Viradouro durante a escrita do TCC, em especial aos queridos sambistas Mocotó e Lambreta, por terem me proporcionado o prazer de conhecê-los e ouvir mais sobre o samba!

Agradeço imensamente à professora Marina Frydberg, por ter aceitado ser minha orientadora e por me guiar durante esse processo! Agradeço por toda atenção, paciência e comentários enriquecedores que tornaram essa pesquisa possível.

Aos amigos e professores que conheci durante a graduação de Produção Cultural.

À Ana Clara e Sthefanye, por terem aceitado fazer parte da banca.

Agradeço de coração a todos os envolvidos, direta ou indiretamente em minha formação, por terem tornado esse momento possível. Obrigada!

*“É que carrego o samba bem dentro do peito
Sem a cadência do samba não posso ficar”*

(Adeilton Alves / Délcio Carvalho)

RESUMO

LEMOS, Ester Miranda. "**Sou Viradouro, sou paixão**": **sociabilidade, memória e identidade na escola de samba Unidos do Viradouro**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2023. (Monografia de Graduação.)

O presente trabalho faz uma breve contextualização sobre o carnaval carioca e as escolas de samba e de como surgiu a Unidos do Viradouro, objeto da pesquisa. Foi realizada uma etnografia dos ensaios de rua e de quadra que são realizados pela Viradouro, de modo a identificar quais são as práticas de sociabilidade e relações organizativas que a escola possui. Além disso, o trabalho também discute os conceitos de memória e identidade a partir de entrevistas feitas com dois sambistas da agremiação, analisando como ocorre a construção de memória e identidade, reconhecendo como a escola de samba Unidos do Viradouro torna-se importante tanto individual quanto coletivamente para os integrantes da agremiação.

Palavras-chave: carnaval, escola de samba, memória, identidade, sociabilidade.

ABSTRACT

LEMOS, Ester Miranda. **"Sou Viradouro, sou paixão": sociabilidade, memória e identidade na escola de samba Unidos do Viradouro.** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2023. (Monografia de Graduação.)

This work provides a brief contextualization of the Rio carnival, samba schools, and how emerged the samba school Unidos do Viradouro, the research object. An ethnography of the street and court rehearsals was conducted, in order to identify the sociability practices and organizational relations the school has. Moreover, the work discusses the concepts of memory and identity based on interviews carried out with two samba players from the group, analyzing how the construction of memory and identity occurs, recognizing how the Unidos do Viradouro samba school becomes important both individually and and collectively for the members of the association.

Keywords: carnival, samba school, memory, identity, sociability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagem do Sambódromo em dia de desfile.....	20
Figura 2 - Bandeira da Unidos do Viradouro.....	22
Figura 3 - Abre alas da Viradouro, em 1997.....	24
Figura 4 - Desfile da Viradouro 2020.....	26
Figura 5 - Disposição hierárquica dos vários elementos constituintes das organizações formal e carnavalesca da escola de samba.....	28
Figura 6 - Principais atividades e eventos da Viradouro.....	29
Figura 7 - Prints do Instagram da Viradouro.....	32
Figura 8 - Foto da quadra da Viradouro após reforma.....	33
Figura 9 - Foto de ensaio na quadra da escola.....	36
Figura 10 - Carteira de componente da escola.....	37
Figura 11 - Ensaio de rua.....	40
Figura 12 - Lambreta.....	43
Figura 13 - Mocotó.....	43
Figura 14 - Cartão de visita Lambreta.....	48
Figura 15 - Muro na casa do Lambreta.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - “CARNAVAL, TE AMO! NA VIDA ÉS TUDO PRA MIM”: CARNAVAL E ESCOLAS DE SAMBA	13
1.1 - Carnavais cariocas.....	13
1.2 - Escolas de samba e desfiles.....	17
1.3. História da Viradouro - A vermelha e branca de Niterói.....	21
CAPÍTULO II - “LÁ VEM A VIRADOURO AÍ, MEU AMOR”: DINÂMICAS DE UMA ESCOLA DE SAMBA	27
2.1 - Preparação para o carnaval.....	27
2.2 - Os ensaios.....	31
2.2.1 - Ensaios de quadra.....	32
2.2.2 - Ensaios de rua.....	37
2.3 - Sociabilidade na Viradouro.....	40
CAPÍTULO III - “VIRADOURO É MINHA PAIXÃO, PRA SEMPRE VOU TE AMAR”: MEMÓRIA E IDENTIDADE NA UNIDOS DO VIRADOURO	43
3.1 - Memória e identidade.....	44
3.2 - Narrativas de memória e identidade.....	46
3.3 - Memória e Velha Guarda.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

INTRODUÇÃO

Minha relação com carnaval e escola de samba iniciou desde criança. Cresci e morei no Barreto, zona norte de Niterói, em um dos endereços em que o carnaval de rua acontecia. Então, desde muito nova, acompanhava a montagem da rua para o carnaval: bandeiras para enfeitar os postes, o palco sendo montado, marchinhas e músicas de carnaval sendo tocadas o dia inteiro, blocos e muito confete e serpentina nas ruas. Como a minha família também sempre gostou muito de samba e carnaval, virou costume eu ter uma fantasia para cada dia de carnaval. Por isso, trago o carnaval com muito afeto e carinho.

Além disso, a quadra da Viradouro também está situada a apenas alguns minutos andando da casa da minha família, o que aumentou consideravelmente a proximidade e relação com a escola de samba. Meus tios e avó também são muito apaixonados por samba e pela Viradouro e esse amor foi sendo passado para a família inteira. Então, desde criança tenho muitas memórias de ser levada aos ensaios de quadra, rua, feijoadas e festas da Velha Guarda. Também lembro de ficar acordada vendo parte da minha família começar a se arrumar para ir desfilando, de acompanhá-los até onde os ônibus que levam os integrantes e de ver o guarda-roupa ir ficando vermelho e branco de tanta roupa com as cores da escola de samba.

Sendo assim, sempre estive muito perto e ao mesmo tempo muito distante das dinâmicas da escola de samba, pois apesar de frequentemente acompanhar a família, desfilei somente duas vezes, quando criança ainda. A primeira vez desfilando, mesmo criança, me deixou totalmente encantada. Lembro de ter ficado horas na concentração, esperando o horário da Viradouro desfilando - e, como era período de verão, ainda sentia o asfalto quente. Lembro de entrar na Marquês de Sapucaí e ficar maravilhada e ao mesmo tempo um pouco assustada com a quantidade de luzes e pessoas acompanhando o desfile. E depois, no dia de quarta-feira de cinzas, ir para a quadra da Viradouro acompanhar a apuração dos desfiles, que também é um dos momentos que mais me deixa animada.

Então, ao entrar para a graduação em Produção Cultural da UFF, em uma das aulas de Teorias da Cultura e de Patrimônio, foi quando comecei a pensar a escola de samba Unidos do Viradouro enquanto objeto de pesquisa e a querer saber mais sobre o carnaval. Desse modo, fui cada vez mais percebendo a

importância e relevância do carnaval na vida dos integrantes da escola de samba, da produção dos desfiles, dos trabalhadores de cultura envolvidos nesse processo e dos amantes do carnaval que acompanham essa grande manifestação cultural.

Minha principal intenção com este trabalho foi procurar entender como ocorre a construção de identidade tanto individual quanto coletiva dos membros da Viradouro a partir dos conceitos de memória, identidade e sociabilidade formulados por alguns autores. Para isso, as metodologias utilizadas foram: pesquisa bibliográfica, observação participante, etnografia e entrevistas.

A pesquisa bibliográfica com leitura de artigos e demais trabalhos acadêmicos, durante todo o processo de escrita do trabalho, com o intuito de selecionar quais seriam os autores e os conceitos que seriam relacionados com as outras metodologias; observação participante para a realização de uma etnografia dos ensaios da Viradouro, durante o mês de janeiro e, depois, de agosto a dezembro de 2023. Ao longo desses meses, frequentei pelo menos dois ensaios, tanto na quadra da Viradouro quanto nos de rua, com o objetivo de analisar quais eram as práticas de sociabilidade entre os integrantes da comunidade e também as funções organizativas da ala da harmonia; foram realizadas duas entrevistas, com dois integrantes da da Viradouro. Ambos foram escolhidos por terem mais de 30 anos de escola e por fazerem parte de duas alas “fixas” que possuem atribuições distintas em relação à comunidade geral da escola de samba.

O primeiro a ser entrevistado para a pesquisa foi Ignácio Ribeiro, mais conhecido como Mocotó. Meu primeiro contato com o Mocotó foi durante um ensaio de quadra da Viradouro, mas pela dinâmica dos ensaios e questões sobre horários pessoais, a entrevista aconteceu por meio de uma ligação telefônica. Mocotó é integrante da ala de compositores da Viradouro, é um homem preto, possui 71 anos, possui ensino médio completo e trabalha como inspetor numa escola municipal de São Gonçalo. Assim como ele, parte da família é sambista: Mocotó relatou na entrevista que possui familiares na Imperatriz Leopoldinense. Faz parte da ala de compositores desde 1989, tendo participado de todas as disputas desde então. Perdeu sete disputas em sequência, até que em 1996 ganhou a primeira disputa na Viradouro com o samba-enredo “Aquarela do Brasil ano 2000” - esse desfile ficou em 13º lugar. A partir daí, Mocotó ganhou outras seis disputas de samba consecutivas e, para feliz surpresa, foi no ano de 1997 com o enredo “Trevas! Luz! a

Explosão do Universo” que o Mocotó ganhou não só a disputa de samba na escola, como foi o samba responsável pelo primeiro título da Viradouro no carnaval carioca.

O segundo entrevistado foi Jorge Souza, conhecido como Jorge Lambreta ou apenas “Lambreta”, sendo integrante da Viradouro desde 1962. Lambreta possui 80 anos, é um homem preto, nascido no Buraco do Boi, em Niterói, e relata que é “sambista nato, desde pequenininho já segurava umas cordas em escola de samba.” Jorge possui ensino médio completo e é técnico em telefonia, tendo trabalhado na Companhia Telefônica. Fundou a escola de samba Império Gonçalves, em São Gonçalo, e traçou sua trajetória em escolas de samba da cidade de Niterói e São Gonçalo. Atualmente, Jorge Lambreta é integrante da Velha Guarda e a partir da entrevista, descreve um pouco mais sobre a organização da ala e história da escola.

No capítulo I, realizei uma breve contextualização acerca do carnaval carioca, desde as origens até o momento da criação das escolas de samba, analisando quais eram as formas de brincar o carnaval e de como as diferentes camadas sociais e a mídia influenciam no processo de institucionalização dos desfiles. Também faço uma contextualização sobre a Unidos do Viradouro, desde o seu surgimento em Niterói e apontando alguns momentos e desfiles que marcaram a escola no carnaval carioca.

No capítulo II, inicio fazendo uma etnografia dos ensaios da Viradouro, com o objetivo de buscar analisar quais são as possíveis diferenças e aproximações entre os ensaios de quadra e os ensaios de rua - sendo assim, faço uma descrição detalhada a partir das minhas idas aos ensaios. Além disso, busco fazer uma análise sobre os integrantes das alas que formam a escola, destacando a harmonia pela importância na organização dos ensaios. Também faço uma breve análise sobre quais são as práticas de sociabilidade que acontecem nesses momentos de ensaios e em algumas outras festividades realizadas pela escola.

No capítulo III, o objetivo foi trazer os conceitos de memória e identidade com trechos de duas entrevistas que realizei com dois sambistas da Viradouro, o Mocotó e o Lambreta, buscando entender como esses conceitos podem ser relacionados e vistos nos discursos e narrativas de cada. Finalizo esse terceiro capítulo trazendo também trechos da entrevista com o Lambreta sobre a Velha Guarda da escola e relacionando-os com o conceito de memória.

CAPÍTULO I - “CARNAVAL, TE AMO! NA VIDA ÉS TUDO PRA MIM”: CARNAVAL E ESCOLAS DE SAMBA

Será abordado neste capítulo sobre a origem do carnaval, sobretudo o carnaval no Rio de Janeiro, como eram as diversas maneiras de se festejar e como as diferentes classes sociais influenciavam a forma de brincar o carnaval. Também será discutido sobre a origem das escolas de samba e dos desfiles, finalizando o capítulo sobre a história e trajetória da escola de samba Unidos do Viradouro.

1.1 - Carnavais cariocas

Em época de carnaval, é comum ouvirmos ou lermos nas mídias algo como “O maior carnaval do mundo é o do Brasil” e, de fato, o carnaval brasileiro é uma das manifestações culturais mais populares do nosso país, mas até chegar a essa forma que conhecemos hoje passou por diversas mudanças.

Ao fazermos um breve resumo histórico da origem do carnaval, é possível observar que essa manifestação possui grande ligação com a Igreja Católica: a data da Terça-feira de Carnaval é determinada pela data da Páscoa, com a Quarta-feira de Cinzas, o dia seguinte, marcando o início da Quaresma. Ou seja, a festividade surge a partir da premissa de se esbaldar ao máximo antes do período da Quaresma - período em que os católicos se preparam para a Páscoa e jejuam, não consumindo carne vermelha e se abstendo do que mais gostam de fazer. Dessa maneira, como um dos maiores prazeres da época era festejar comendo carnes, daí veio o nome “carnaval” (FERREIRA, 2004).

Nesse sentido, apesar de ser uma manifestação que ocorre em diversas regiões e de diferentes maneiras, pode-se observar que o carnaval possui como uma de suas características principais o caráter de liberdade e de que tudo é possível - pois, como dito acima, o carnaval surge como um período de aproveitar ao máximo antes da privação. Em “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”, Mikhail Bakhtin (1987) contrasta a vida oficial e a vida popular durante a Idade Média. Bakhtin argumenta que a vida oficial é governada pelo Estado e pela Igreja, impondo normas e hierarquias que restringem a verdadeira natureza humana, enquanto a vida popular, como expressa

durante o carnaval, permitiria a expressão das qualidades essenciais dos indivíduos, como a igualdade, a alegria e a liberdade. Sendo assim, de acordo com o autor, no carnaval ocorreria uma inversão de valores e uma suspensão temporária das normas e hierarquias sociais - no entanto, vale ressaltar que a inversão de valores não ocorre em sua totalidade, pois as disputas simbólicas e hierárquicas continuam - como será visto ao decorrer do capítulo.

Trazendo a contextualização para o Rio de Janeiro, o carnaval teve influências diretamente ligadas ao entrudo¹ - forma de manifestação vinda de Portugal no século XVI, no qual as pessoas jogavam ovos, farinha de trigo, polvilho, cal, goma, laranja podre, água de cheiro, etc uma nas outras. Segundo Ferreira (2004), no começo do século XIX, o entrudo era dividido em duas formas de celebrações distintas: o entrudo popular e o entrudo familiar. O entrudo popular tinha como principal característica acontecer nas ruas da cidade e com grande participação da população de classe mais baixa e de pessoas escravizadas. E o entrudo familiar, que ocorria dentro das residências da elite e eram jogados materiais mais “suaves” uns nos outros, como limões e laranja de cheiro. Contatos entre estes espaços só aconteciam marcados pela hierarquia. Ou seja, membros da elite podiam lançar projéteis e líquidos nas pessoas escravizadas. Mas a estes restava rirem-se das brincadeiras sem nunca revidar (FERREIRA, 2000), evidenciando que desde o início a elite brasileira foi estruturada pelo racismo e pela exclusão da população negra. A elite brasileira passou a marginalizar e a criminalizar o entrudo popular, fazendo com que essa prática fosse perseguida por policiais por serem consideradas “violentas” demais. De acordo com Haroldo Costa, portarias, alvarás e avisos oficiais são publicados em 1784, 1818, 1857, 1879 e 1885 decretando o fim do movimento livre, que teimava em resistir (COSTA, 2001, p.12). Enquanto isso, a elite carioca passou a criar bailes de carnaval dentro de casa, clubes e teatro com ópera, ballet e máscaras, copiando o que era feito na Europa - corroborando, então, para uma divisão no carnaval. Surgiram, deste modo, dois espaços diferentes no cenário carnavalesco: a rua e o salão, demonstrando claramente uma divisão de classes e as diversidades de seus estilos de lazer e diversão (PINTO, 2016).

¹ O termo, derivado do latim "introitus" significava "entrada", "começo", nome com o qual a Igreja denominava o começo das solenidades da Quaresma.

Por volta de 1850, outra forma popular de festejar o carnaval que surgiu no Rio foi o Zé Pereira - o português José Paredes, com um conjunto de bumbos e tambores, saiu pelas ruas tocando música. De acordo com Albin (2009), “Fora do entrudo e longe dos bailes, os blocos de zé-pereiras logo seriam uma outra possibilidade de brincar o carnaval ao som apenas de percussão.” (ALBIN, 2009, p. 250). Assim como as classes sociais mais privilegiadas começaram a criar os bailes, que ficaram conhecidos como Grande Carnaval, as camadas populares também desenvolveram suas próprias tradições carnavalescas com os grupos de samba, ranchos, cordões, zé-pereiras ou blocos, conhecido como Pequeno Carnaval.

Durante o século XIX, a divisão entre elite e camadas populares continuava: de um lado tinham os ranchos carnavalescos e, de outro, as grandes sociedades carnavalescas, respectivamente. Os ranchos carnavalescos foram um tipo de agremiação carnavalesca criada pelo baiano Hilário Jovino Ferreira, que trouxe para o carnaval carioca a ideia de enredo e algumas alegorias, como o abre-alas, o mestre-sala e a porta bandeira. De acordo com Renata Sá Gonçalves (2006), os ranchos surgiram no final do século XIX, mas só começaram a se destacar no início do século XX. Os ranchos foram crescendo tanto em número quanto na sistematização dos carnavais, pois conseguiam reunir camadas mais diversas da sociedade e se expandiram pelos bairros e subúrbios.

Já as grandes sociedades eram luxuosas e possuíam um longo itinerário pela cidade do Rio de Janeiro, saindo de suas sedes no Catete, percorrendo as ruas centrais da cidade durante os três dias de carnaval, atraindo, dessa forma, um grande número de pessoas às ruas. Além disso, as três grandes sociedades mais famosas - Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos - tentavam contribuir para causas sociais da época, como a abolicionista, e republicana e a defesa do trabalhador. (ALBIN, 2009, P. 251). Gonçalves (2006) descreve que

As grandes sociedades, por outro lado, eram associações tidas como das “elites”, bem organizadas, mas com pouca participação dos grupos sociais em geral. Os “ranchos” eram tidos como grupos mais “populares”, “acessíveis” e que competiam de forma justa entre si. Eram mediados pelos cronistas carnavalescos que publicavam nos jornais a foto ou desenho de seus estandartes e seus licenciamentos, além de divulgar seus ensaios, festas e bailes e informações como endereço de suas sedes, seus presidentes, diretores e demais membros. Os ranchos posicionaram-se, como intermediários, entre os grupos “de elite” e os grupos “destituídos de educação e civilidade”, produzindo um

carnaval mediado por uma rede de relações sociais com lugar para os cronistas, os comerciantes, a polícia, os músicos, os artesãos, as tias baianas, além das camadas populares dos bairros e subúrbios. (GONÇALVES, 2006, p. 73)

Conforme explicitado por Renata Sá Gonçalves na citação acima, é importante ressaltar o papel da imprensa na formação e continuidade - ou não - dos formatos de se brincar carnaval que foram surgindo ao longo dos anos. A imprensa, no final das contas, representava a elite carioca e seus próprios desejos, conforme descreve Ferreira (2004): “[...] Quem determinava o que seria ou não incluído no Pequeno (das classes populares) ou no Grande Carnaval (da elite) eram, em última instância, elementos da própria elite cultural através principalmente dos jornais.” (p. 229). Sendo assim, pode-se afirmar que a elite carioca possuía o poder de legitimar - ou não - as manifestações carnavalescas e, apesar das contínuas tentativas em perseguir as manifestações culturais e formas de se brincar carnaval das camadas mais populares e da população negra, o Pequeno Carnaval - dos ranchos, clubes, cordões, zé-pereiras e blocos - resistiu e também continuou a ocupar as ruas. De acordo com Ferreira (2011)

Apesar desse esforço em rejeitar como uma massa disforme (e, portanto, “perigosa”) as brincadeiras não reconhecidas “oficialmente” pelos meios de comunicação e divulgação da época, o carnaval popular continuava a existir e a disputar o mesmo espaço das manifestações valorizadas pela elite intelectual. Ocupando, basicamente, os interstícios da festa institucionalizada pela sociedade, as manifestações populares, ainda assim, imporiam sua presença no carnaval carioca da segunda metade do século XIX. Mesmo não tendo seus passeios divulgados pela imprensa, como ocorria com as principais sociedades carnavalescas, esses grupos acabavam, de uma forma ou de outra, sendo notados pelos outros grupos carnavalescos e pelo público que corria às ruas para se divertir. (FERREIRA, 2011, p. 107)

A partir disso, o Pequeno Carnaval começava a ganhar maior visibilidade, com cada vez mais adesão da população, principalmente das classes sociais mais baixas, que só queriam curtir e aproveitar o carnaval da forma que quisessem. Ferreira (2004) aponta que no início do século XX, o Carnaval começava a ser visto como uma festa popular, nascida do povo. Foi nesse contexto que os blocos e cordões, até hoje fundamentais no Carnaval de rua carioca, surgiram nos morros e subúrbios do Rio de Janeiro e tornaram-se manifestações fundamentais para o Carnaval - de acordo com Cavalcanti (2006): “O núcleo social de formação das

escolas de samba foram os blocos”. A autora ainda cita alguns blocos que se tornaram escola de samba, como por exemplo: a Deixa Eu Falar, que surgiu no final da década de 1920, no bairro do Estácio “a partir de partir dos laços de sociabilidade construídos em torno de Tia Ciata (Moura, 1980)”. O compositor Cartola e seus amigos que, a partir de blocos que foram formados no morro, criaram a Estação Primeira de Mangueira. Em 1932, os organizadores do Bloco Pioneiros de Oswaldo Cruz e frequentadores da casa da tia Ester formaram a escola de samba Vai Como Pode, que se tornou a Portela. E como último exemplo, a comunidade do morro do Salgueiro que também criou a escola de samba de mesmo nome.

1.2 - Escolas de samba e desfiles

Muitos autores e pesquisadores sobre o carnaval descrevem que o surgimento das escolas de samba aconteceu pela junção e transformação das seguintes manifestações culturais: o samba, os blocos e os ranchos. A autora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti aponta que

Os ranchos, criados em fins do século XIX pela pequena burguesia urbana, desfilavam também com enredo, fantasias e carros alegóricos, ao som de sua marcha característica. Já os blocos, forma menos estruturada, abrigavam as camadas mais pobres da população, moradores dos morros e subúrbios cariocas, entre as quais estavam negros e mulatos herdeiros das tradições culturais afro-brasileiras.” (CAVALCANTI, 2015, p.25)

Após a popularização das rodas de samba e do desenvolvimento do carnaval a partir das diversas influências citadas anteriormente, é na região da Pequena África que a primeira escola de samba carioca foi fundada, a “Deixa Falar” - que mais tarde se tornaria a Estácio. O sambista niteroiense Ismael Silva junto a um grupo de jovens compositores se reuniu com o objetivo de criar algo que se destacasse dos tradicionais "Blocos Carnavalescos". Inclusive, o próprio sambista Ismael inventou o termo escola de samba. O autor Ricardo Cravo Albin, descreve quais seriam os três motivos pela criação desse termo, em entrevista com o Ismael:

A primeira – e a menos importante –, porque a turma do Estácio se reunia quase em frente à Escola Normal, situada na esquina da rua Machado Coelho com a rua Joaquim Palhares. A segunda razão – de importância bem maior –, era o fato de, ao se intitularem de

escola de samba, deferiam a si mesmos a graduação de bambas, de mestres, de professores na arte de produzir sambas. O terceiro motivo – o mais importante de todos –, era que o termo Escola de Samba qualificaria uma possível melhoria e ascendência em relação aos demais blocos carnavalescos. (ALBIN, 2009, p. 253)

Dessa maneira, Ismael e os demais sambistas que foram os fundadores das primeiras escolas de samba cariocas, começam a buscar maneiras de tentar acabar com as diferenças entre eles e a elite - por isso a criação de uma escola de samba. Com isso, evidenciaram a importância de participar de uma organização voltada para o samba, de modo a diminuir as distinções sociais: a escola de samba como formadora de sambistas e viventes do samba. Essas negociações entre os sambistas e as demais classes se deu como uma forma de estratégia e resistência à toda perseguição e exclusão que o samba sofreu durante muitos anos. É seguindo essa linha de pensamento que os sambistas incorporaram outras ações que acabaram por se tornar tradição e característica numa escola de samba, como por exemplo, o uso de terno e gravata pelos mestres e bambas do samba, de modo a reforçarem que eram acadêmicos do samba e na tentativa de diminuir as diferenças.

A partir do início dos anos 1930, os primeiros desfiles das escolas de samba na Praça XI eram eventos espontâneos que atraíam um pequeno público, composto por algumas dezenas de pessoas. No ano de 1932, um marco significativo ocorreu quando o jornal Mundo Esportivo patrocinou o primeiro desfile dessas agremiações, que naquela época eram modestas tanto em tamanho quanto em recursos financeiros. No ano seguinte, em 1933, à medida que a era do rádio impulsionava a popularidade das marchinhas carnavalescas, o desfile das escolas de samba, ainda em seus estágios iniciais, começou a receber apoio financeiro do jornal O Globo. Essa maior visibilidade por parte da imprensa ocorreu principalmente porque naquele período, o governo de Getúlio Vargas tinha como projeto político a criação de uma identidade brasileira.

Em 1934, foi fundada a União Geral das Escolas de Samba do Brasil, “como resultado desse passo de organização, o desfile das escolas no ano seguinte seria oficializado pela Prefeitura do Distrito Federal, se lhes impondo um regulamento com normas que, a ferro e fogo, determinariam os rumos do desfile. Forjava-se, a partir daí, embora lentamente, o apogeu das escolas, que culminaria no Sambódromo Darcy Ribeiro” (ALBIN, 2009, p. 250). Foi durante a década de 1930

que houve um crescimento na criação de escolas de samba e é possível perceber que algumas características começam a surgir também: em grande parte das escolas de samba, encontramos no próprio nome da escola o bairro onde a mesma foi criada ou está sediada, como: Mangueira, Salgueiro, Estácio, União da Ilha do Governador, Mocidade Independente de Padre Miguel, Unidos da Tijuca, Unidos do Viradouro, etc.

No ano de 1947 foi criada a Federação Brasileira de Escolas de Samba e na data de 05 de março de 1952 foi criada a Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro (AESCRJ), a partir da fusão das organizações citadas anteriormente. Sendo assim, essa associação foi a responsável pelos desfiles desde 1953, criando inclusive a separação das escolas de samba em dois grupos: o Grupo Especial e o Grupo de Acesso - atualmente, Série Ouro e Série Prata, respectivamente. Em *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile* Rio de Janeiro, Maria Laura Cavalcanti discorre sobre a importância desse ranking para os desfiles

As escolas de samba agrupam-se em diferentes rankings competitivos e inter-relacionados pelo mecanismo aberto e competitivo dos desfiles anuais que propicia a subida e a descida entre os diversos grupos. Desse modo, é possível que uma escola, mesmo recente, possa ascender rapidamente para o grupo das grandes. O valor aqui é o mérito, semelhante ao que ocorre numa partida de futebol. Vale um bom desfile. Esse princípio de organização garantiu a vitalidade dos desfiles, possibilitando que o campeonato carnavalesco permaneça sempre tão estreitamente associado à vida da própria cidade. Graças a ele, a cidade dispõe de um lugar simbólico em que a memória do antigo sempre se associou à possibilidade de surgimento do novo. (CAVALCANTI, 2004, p. 13)

Para além do Grupo Especial e do Grupo de Acesso, há também as escolas de samba que estão distribuídas entre as séries B, C, D e E. Um ponto que é importante ressaltar é: quanto maior é o grupo a qual a escola compete, maior investimento e orçamento ela terá. Essa diferenciação além de ser possível ver nos desfiles influencia também nos valores dos ingressos que são cobrados e também na adesão de pessoas interessadas em desfilar - por tal motivo, as escolas dos grupos C, D e E possuem maiores dificuldades tanto em questão financeira quanto pela permanência.

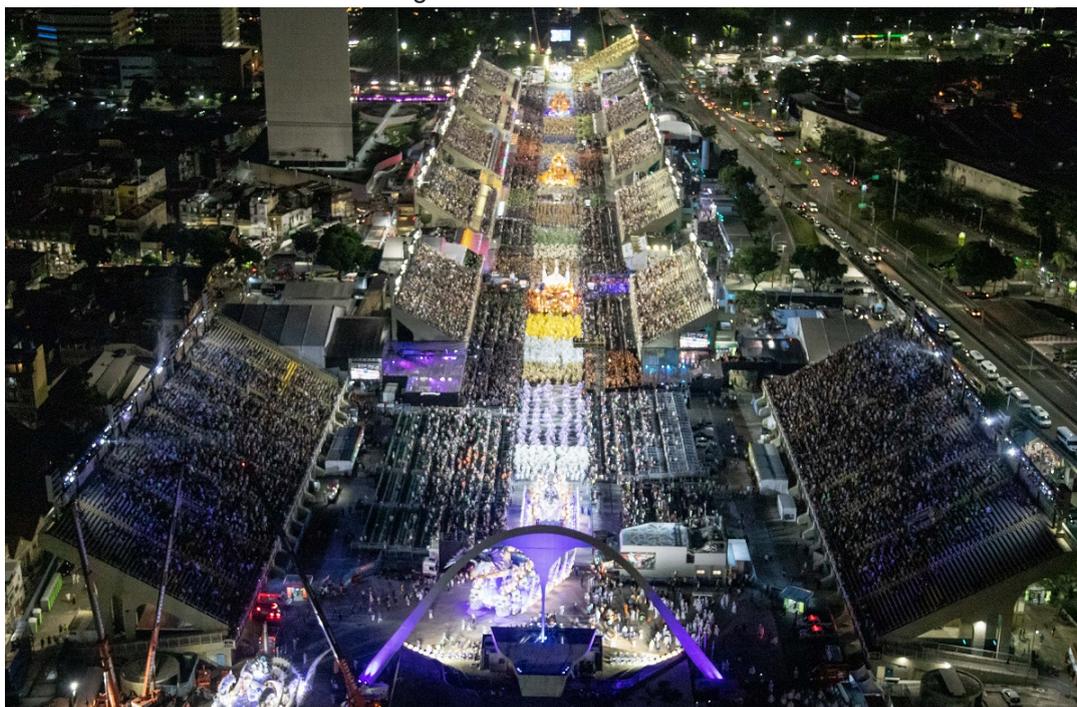
Em 1962, os desfiles aconteciam na Avenida Rio Branco com arquibancadas montadas e ficou marcado pelo início do processo de comercialização do desfile, com ingressos sendo vendidos para assisti-los. É também na década de 1960 que

surge a figura do bicheiro como patronos e benfeitores das escolas de samba. De acordo com Cavalcanti (2008), “a expansão da rede do jogo do bicho preencheu os vazios administrativos deixados pelo poder público”.

Com o passar dos anos e a consolidação dos desfiles das escolas de samba como uma tradição do carnaval carioca, os desfiles que aconteciam na Rio Branco, levaram à construção de um lugar específico e com estrutura: foi no ano de 1984 que o Sambódromo da Marquês de Sapucaí foi erguido para receber os desfiles das escolas de samba, reforçando a importância desse evento para o carnaval da cidade.

A passarela consagra o desfile destinando a ele uma rua localizada no centro da cidade. Ressalto o sentido simbólico dessa localização central. As escolas enraizam-se predominantemente nos bairros periféricos do Rio. Desfile no carnaval sempre foi apresentar-se num local prestigiado, tornar-se dessa forma visível, e admirado, se possível, por toda a cidade.” (CAVALCANTI, p. 29-30)

FIGURA 1 - Imagem do Sambódromo em dia de desfile



Fonte: Prefeitura do Rio (2022)

Além disso, também em 1984, foi criada a LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba), pois os dirigentes de algumas escolas de samba não estavam muito satisfeitos com a AESCRJ - sendo assim, a LIESA passou a ser a

responsável pelos desfiles do Grupo Especial - criando normas técnicas, definindo os horários e venda dos ingressos, além de toda a organização do Sambódromo - desde 1984 até os dias atuais. Foi também na década de 1980 que o primeiro contrato com a televisão para a transmissão do desfile foi assinado. Com isso, é possível perceber que, ao longo dos anos, as regras foram mudando e se estabelecendo como “manual” de como cada escola deveria agir, corroborando para o processo de comercialização e espetacularização do desfile.

De acordo com o atual regulamento, são 9 quesitos que são observados por jurados no carnaval: Bateria, Samba-Enredo, Evolução, Harmonia, Enredo, Alegorias e Adereços, Fantasias, Comissão de Frente e Mestre-Sala e Porta-Bandeira². Esses critérios são os responsáveis por toda dinâmica e passagem da escola na Avenida. Por se tratar de uma competição, os desfiles possuem característica muito dinâmica, conforme descrito por Cavalcanti

Uma das graças do desfile carnavalesco é justamente o seu dinamismo. Creio que esse dinamismo depende diretamente da natureza agonística e ritual da festa espetacular. O desfile é uma competição em que as escolas rivalizam entre si por meio de regras reafirmadas consensualmente ano a ano. Essa motivação confere sempre à profusa explosão de uma escola em desfile o caráter de um processo projetado no futuro: o seu “agora”, fruição e exibição, almeja ganhar, senão esse, no próximo carnaval. No rito festivo, qualquer que seja a posição obtida por uma escola de samba, é sempre preciso recomeçar e tentar novamente. (CAVALCANTI, 2004, p. 13)

Sendo assim, até o momento, foi possível traçar um breve contexto histórico acerca do samba, carnaval e desfiles e as diversas mudanças e influências que se sucederam até chegar no carnaval carioca atual. No próximo tópico, será descrita a trajetória da Escola de Samba Unidos do Viradouro.

1.3. História da Viradouro - A vermelha e branca de Niterói

Trazendo a contextualização para o objeto dessa pesquisa, que é a escola de samba Unidos do Viradouro, de acordo com o site da mesma³, a história da agremiação inicia-se no bairro de Santa Rosa, em Niterói - RJ, próximo a região onde os bondes do local faziam o retorno e que, por isso, o ponto começou a ser chamado de Viradouro. É nessa região que o sambista Nelson dos Santos morava e

² Disponível em: <https://www.rio-carnaval.com/guia/quesitos-em-julgamento>. Acesso em: 13 de novembro de 2023.

³ Disponível em: <https://unidosdoviradouro.com.br/historia/>. Acesso em: 03 de março de 2023.

foi no quintal da casa dele, no Morro da União, próximo ao local conhecido como Garganta, onde começaram a acontecer encontros e rodas de samba que, em pouco tempo, viriam a se tornar o Viradouro.

As rodas de samba produzidas por Nelson, também conhecido como Jangada, eram muito frequentadas por amantes de carnaval e moradores da Garganta. Após a consolidação de vínculos com outros sambistas, Nelson e sua turma decidiram, então, criar uma escola de samba. No dia 24 de junho de 1946, dia também de São João Batista, padroeiro da escola - foi fundada o GRES Unidos do Viradouro. É durante a festa de aniversário da Viradouro que acontece na quadra da escola de samba, atualmente localizada no bairro do Barreto, localizada na zona norte de Niterói, que é possível conhecer um pouco mais sobre a história da agremiação. Nesse dia, o locutor da escola narra que inicialmente as cores da Viradouro eram azul e rosa, devido às cores do manto da Nossa Senhora Auxiliadora (santa católica que possui uma basílica em Santa Rosa). A mudança de cores aconteceu devido ao fechamento da fábrica que vendia e disponibilizava os tecidos da tonalidade da agremiação e também por um desejo da diretoria do carnaval em possuir cores mais “comerciais”. Então, o vermelho e branco foi escolhido e, desde 1971, a Viradouro desfila com tais cores.

Figura 2 - Bandeira da Unidos do Viradouro



Fonte: Google

É importante ressaltar que, no período da criação da Unidos do Viradouro, já havia várias manifestações carnavalescas em Niterói, incluindo blocos, festas de

banho à fantasia, batalhas de confete e até escolas de samba - como a Combinado do Amor, a primeira escola de samba de Niterói, fundada em 1936, e a Sabiá, fundada em 1938. No entanto, ainda não havia uma competição formal entre as agremiações do samba. Foi somente em 1946, ano da criação da Unidos do Viradouro, que iniciaram-se os desfiles de modo competitivo entre escolas de samba de Niterói. Nesse período, Niterói era a capital do estado do Rio de Janeiro, uma vez que a cidade do Rio de Janeiro era a capital do Brasil, mantendo esse posto até 1975. Portanto o carnaval niteroiense possuía bastante investimento, sendo considerado inclusive o segundo maior carnaval do Brasil. Os desfiles das escolas de samba de Niterói aconteciam na Avenida Amaral Peixoto, uma importante via localizada na região central de Niterói. Ainda conforme informações disponíveis no site da escola de samba, desde a sua fundação, a Unidos do Viradouro marca a história do carnaval de Niterói, tendo sido campeã 18 vezes no carnaval da cidade, a Folia Niteroiense.

No carnaval carioca, a escola começou a competir no Grupo 4 (uma das antigas divisões da competição do carnaval carioca), em 1986. Essa escolha de começar a desfilar no carnaval do Rio ocorreu devido à contestação do resultado do desfile de 1985 em Niterói, no qual a escola sentiu que foi desvalorizada. Para tomar essa decisão, a diretoria conduziu uma pesquisa entre os membros para determinar se a transferência para o carnaval carioca contaria com o apoio da maioria. Sendo assim, a maioria votou a favor da desfiliação da escola do evento em sua cidade de origem. Então, desde 1986 a Unidos do Viradouro desfila no carnaval carioca e foi alcançando os títulos até chegar a tão almejada vaga no Grupo 1 (atual Grupo Especial), em 1990. Daí em diante, a Viradouro passou por diversos momentos e desfiles memoráveis.

Em 1991, já no Grupo Especial, a Viradouro consegue a 7ª colocação, com o enredo “Bravo, Bravíssimo - Dercy, o retrato de um povo”, homenageando a atriz e apresentadora Dercy Gonçalves. Continuando sua audaciosa trajetória, a escola contratou o carnavalesco Joãozinho Trinta para o desfile de 1994 (que estava afastado da Beija-Flor de Nilópolis). No carnaval de 1994, o enredo foi “Tereza de Benguela - Uma rainha negra no Pantanal” e a Viradouro alcançou a melhor posição até o momento, ficando em 3º lugar.

Em 1997, a Viradouro entra na avenida com o desfile “Trevas! Luz! A explosão do universo” e alcança seu auge, conquistando seu primeiro título no

desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. O desfile em questão foi marcado por momentos memoráveis, como a "paradinha funk"⁴ na bateria do Mestre Jorjão, um carro alegórico completamente escuro (representando a teoria do Big Bang) e a voz inconfundível de Dominginhos do Estácio cantando "Lá vem a Viradouro aí, meu amor! É Big-Bang, coisa igual eu nunca vi! Que esplendor!". Neste ano, a quadra já estava localizada no bairro do Barreto e, após a apuração, as ruas que dão acesso à rua tiveram que ser fechadas devido ao grande número de pessoas que foi para a quadra comemorar o primeiro título. Sendo assim, após ser uma das principais agremiações do carnaval de Niterói, a Unidos do Viradouro estava agora no topo também entre as maiores escolas de samba do Rio de Janeiro.

Figura 3 - Abre alas da Viradouro, em 1997



Fonte: Acervo O Globo (1997)

Nos anos subsequentes, a escola continuou a competir no topo, participando do Desfile das Campeãs em 9 dos 10 anos seguintes. Entretanto, a agremiação passou por uma crise interna que afetou seus desfiles, resultando em apresentações abaixo do seu padrão usual e foi rebaixada para o Grupo de Acesso em 2010. O carnaval de 2014 marcou um novo capítulo na história da Viradouro.

⁴Disponível em:

<https://www.osaogoncalo.com.br/cadernos-especiais/21961/o-dia-em-que-o-samba-se-uniu-ao-funk-p-ara-o-titulo-inedito>. Acesso em: 06 de outubro de 2023.

Com o enredo "Sou a Terra de Ismael, 'Guanabaran' Eu Vou Cruzar... Pra Você Tiro o Chapéu, Rio Eu Vim Te Abraçar" que celebrava a identidade de Niterói, a escola conquistou a vitória na Série A e garantiu seu retorno ao Grupo Especial no ano seguinte. Embora tenha sofrido um novo rebaixamento em 2015, devido a um desfile prejudicado pela chuva, a Viradouro continuou a marcar presença no cenário do carnaval.

Em 2016, a escola teve uma forte atuação e ficou em terceiro lugar na Série A, quase conseguindo um novo acesso ao Grupo Especial. Com um samba-enredo notável sobre o Alabê de Jerusalém, que muitos consideraram um dos melhores sambas da década de 2010 a 2020⁵ e o melhor do carnaval daquele ano, a Viradouro abordou a questão da intolerância religiosa. Em 2017, a escola manteve sua forte presença, alcançando o segundo lugar no grupo de acesso. Em 2018, a Viradouro se tornou a campeã do Grupo de Acesso, retornando para a elite do carnaval carioca no ano seguinte. Em 2019, no primeiro ano após a volta do Grupo de Acesso, a Viradouro alcança o segundo lugar dos desfiles com o enredo "Viraviradouro" que falava sobre a escola dar a volta por cima, tendo como refrão as seguintes frases "Quem me viu chorar / Vai me ver sorrir / Pode acreditar, o amor está aqui / Viraviradouro iluminou / O brilho no olhar voltou". Na quadra da Viradouro, esse samba tornou-se um hino e é cantado com muita felicidade pelos componentes da agremiação.

No carnaval de 2020, a escola destacou-se novamente, trazendo um enredo inspirado nas ganhadeiras de Itapuã, na Bahia, e conquistando o seu segundo título, após 23 anos desde o primeiro. O desfile foi marcado por um samba cativante que foi muito respeitoso com toda a história das Ganhadeiras, no qual elas participaram ativamente da escolha do samba, além da diretoria da Viradouro ter feito um documentário sobre.

Logo após o carnaval de 2020, em março do mesmo ano, o mundo foi impactado pela pandemia do coronavírus (Covid-19), iniciando medidas como o distanciamento social, uso de máscaras e fechamento de espaços públicos, culturais, comércio, escolas, etc. O GRES Viradouro então começou a distribuição de cestas básicas e confecção de máscaras para a comunidade. Os desfiles das

⁵ Disponível em:

<https://extra.globo.com/noticias/rio/leitores-vao-eleger-melhor-samba-da-decada-entre-dez-selecionados-24111186.html>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

escolas de samba só retornaram em 2022 e a Viradouro entrou na Avenida com o enredo “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria” que fez paralelo com a gripe espanhola de 1919 e a pandemia causada pela Covid-19 - nesse ano, a Viradouro ficou em 3º lugar. Para o carnaval de 2024, o enredo intitulado "Arroboboi, Dangbé" narra a trajetória das guerreiras Mino, originárias do reino de Daomé, hoje Benin. Envolvidas nas batalhas da região, essas mulheres são iniciadas espiritualmente pelas sacerdotisas voduns, uma linhagem de mulheres escolhidas por Dangbé. Essa conexão dá origem ao culto à serpente vodum, que se difunde pelo reino e posteriormente chega ao Brasil, nos terreiros da Bahia.

Figura 4 - Desfile da Viradouro 2020



Fonte: RioTur (2020)

CAPÍTULO II - “LÁ VEM A VIRADOURO AÍ, MEU AMOR”: DINÂMICAS DE UMA ESCOLA DE SAMBA

Apesar de já ter frequentado a quadra da Viradouro em diversos outros momentos, foi no primeiro ensaio de quadra do ano de 2023 que iniciei o trabalho de campo da minha pesquisa. Nesse sentido, foi a primeira vez que entrei na Quadra com um olhar atento e observando tudo à minha volta. O conhecer no meu caso, já estava muito naturalizado, pois somente ia para acompanhar minha família e não pensava em todas as dinâmicas possíveis dentro de uma escola de samba. Foi em janeiro de 2023, quando ainda estavam acontecendo os ensaios para o desfile do carnaval desse ano, no qual o enredo foi sobre a Rosa Maria Egípcia, considerada a primeira mulher negra a escrever um livro no Brasil, ainda na época da escravidão, e tratada como santa. A partir de outubro de 2023, começaram os ensaios para o carnaval de 2024, com o enredo “Arroboboi, Dangbé”.

Neste capítulo serão traçadas algumas considerações sobre as observações de campo que foram feitas na Unidos do Viradouro, antes de iniciar as entrevistas com dois componentes da escola, abordando principalmente como é a dinâmica de ensaios no GRES Unidos do Viradouro e relacionando com o conceito de sociabilidade, procurando compreender em quais momentos eles podem ser observados.

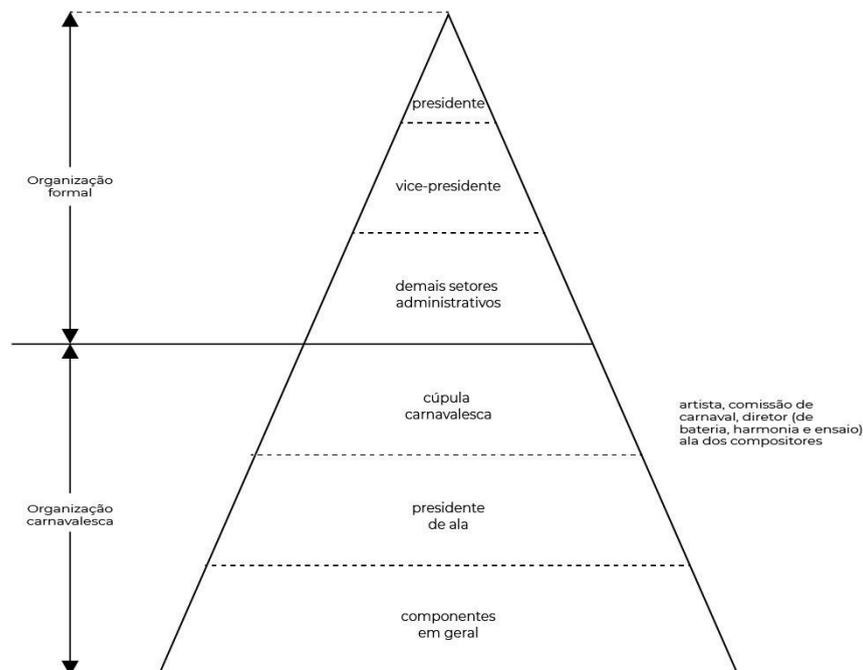
2.1 - Preparação para o carnaval

As escolas de samba se preparam durante o ano inteiro para os desfiles de carnaval que acontecem no Sambódromo. Geralmente, o calendário de uma escola de samba começa tão logo o desfile do carnaval anterior termina. É por volta de março/abril que a diretoria da escola já escolhe qual será o enredo e o carnavalesco (CAVALCANTI, 1999, p. 12). Para o desfile acontecer, são diversas pessoas que compõem uma equipe da escola de samba e que são cruciais para cada etapa antes do desfile e também das outras atividades que ocorrem ao longo do ano. Em *Escola de samba, Ritual e Sociedade*, Leopoldi (2010) sistematizou em um gráfico a disposição hierárquica dos vários elementos que constituem uma escola de samba. No gráfico, Leopoldi aponta que a organização formal é composta por: presidente, vice-presidente e demais setores administrativos. Já a organização carnavalesca é

composta pela cúpula carnavalesca (comissão de carnaval, diretores de bateria, harmonia e demais funções responsáveis pelo dia a dia nos ensaios e atividades da escola); os presidentes de alas e os componentes em geral (os integrantes das alas).

Sendo assim, é possível afirmar que a organização e estrutura de uma escola possui seus setores muito categorizados e os eventos e desfiles contam agora com produções cada vez maiores. Leopoldi discorre que há a característica de "formalização do desfile" nos desfiles contemporâneos. De maneira evidente, as escolas de samba, assim como qualquer outra entidade ou organização ligada ao carnaval - inclusive os blocos mais descontraídos - possuem uma estrutura organizativa para que o desfile aconteça. Em outras palavras, há sempre um elemento que pode ser identificado como formal, relacionado à logística do evento, às interações entre os participantes dentro dessa estrutura, e ao desempenho resultante da colaboração entre as partes envolvidas e a maneira como os desfilantes desempenham seus papéis. Essa formalização nas escolas tem sido inerente, servindo como um instrumento essencial para a execução dos desfiles carnavalescos. (LEOPOLDI, 2010, p. 20)

Figura 5 - Disposição hierárquica dos vários elementos constituintes das organizações formal e carnavalesca da escola de samba



Fonte: *Escola de samba, Ritual e Sociedade*

O aspecto formal e organizativo se intensifica pois, como dito anteriormente, durante o ano numa escola de samba, mais especificamente no espaço da quadra, além dos ensaios, também são realizadas outras atividades e eventos. Desse modo, durante a pesquisa deste trabalho, também observei e destaquei as principais atividades no cronograma da Viradouro durante o ano de 2023, baseado nas postagens do Instagram:

Figura 6 - Principais atividades e eventos da Viradouro

DATA	ATIVIDADE/EVENTO
22/02	Apuração na quadra
03/03	Divulgação da equipe para o carnaval de 2024
14/04	Volta do projeto social “Instituto Viradouro Pedro Leon Monassa Bessil”
20/04	Divulgação do enredo para 2024
23/04	Primeira feijoada para anunciar a composição da equipe
27/04 - 02/05	Apresentação da sinopse
06/05 - 20/05	Recadastro da comunidade
20/06 - 27/06	Cadastro de novos integrantes
24/06	Comemoração 77 anos da Viradouro
10/07 - 24/07	Audição interna dos sambas
05/08 - 12/08	Apresentação dos sambas
06/08	Feijoada - Viradouro convida Imperatriz
03/09	Feijoada - Viradouro convida Grande Rio
19/08 - 30/09	Disputa de samba
10/10	Primeiro ensaio de quadra
15/10	Feijoada - Viradouro convida Mangueira
11/11	Feijoada - Viradouro convida Salgueiro

Fonte:elaboração própria

Ao listar esses eventos, é possível corroborar o pensamento de que a escola de samba acaba por cumprir uma função organizativa e de produção muito grandes, com um cronograma interno de atividades planejadas durante o ano inteiro. Como

foi disposto na tabela acima e apontado por Cavalcanti, o ano carnavalesco inicia assim que o carnaval anterior termina - dia 22/02/2023 (quarta-feira de cinzas) aconteceu a apuração do desfile e logo no dia 03/03/2023, apenas nove dias após a apuração, a Viradouro começou a divulgar quais os nomes iriam compor a equipe para o próximo carnaval. É importante ressaltar que a decisão de quem continua ou não faz parte da organização formal (presidente, vice-presidente e direção), ou seja, o topo da tabela - são realizadas reuniões internas onde são tomadas essas escolhas. Nesse sentido, é interessante perceber que a presidência e direção da escola de samba assume o papel de gestor cultural, ao ter que decidir e elaborar todas as etapas pré, durante e pós carnaval.

Além disso, outro ponto a ser destacado é a volta do Instituto Viradouro Pedro Leon Monassa Bessil, no qual são oferecidas oficinas que preveem impacto sociocultural para o público infantil e juvenil, com idade entre seis e vinte e um anos. As oficinas são relacionadas ao carnaval, como: mestre-sala e porta-bandeira; corte, costura e adereço; samba no pé; escolinha de percussão e oficina de canto. Os alunos contemplados pelas oficinas também possuem a possibilidade de fazer parte da escola mirim da Viradouro "Virando Esperança". Desse modo, além da formação prática das oficinas, esse projeto também corrobora para a preservação, valorização e difusão de práticas carnavalescas, criando os novos sambistas ou amantes do carnaval na vida adulta.

Retomando mais algumas datas e momentos importantes para a agremiação, no mês de abril foi realizada a primeira feijoada do ano, com o objetivo de divulgar oficialmente e apresentar para a escola qual seria a equipe escolhida para compor o carnaval do próximo ano - é também nesse mês que é divulgada a sinopse e o enredo. Em maio, iniciou-se o processo de recadastramento da comunidade da escola, ou seja, o recadastramento de pessoas que já fazem parte da escola e que desfilaram no ano anterior - a prioridade é a continuação e permanência dos membros que já são da comunidade da Viradouro. Após esse período, no mês de junho, começa então o cadastro de novos integrantes. Ambas as etapas são feitas de modo presencial, diretamente na quadra da escola, em dias definidos pela organização e também nas feijoadas (durante o período fixado). No mês de junho acontece o aniversário da escola, que é comemorado num dia de festa com muito samba e cerveja e é, principalmente, um momento em que os integrantes da comunidade se encontram e festejam a escola de samba.

A partir do mês de agosto, começa a apresentação dos sambas, ou seja, o início da disputa interna do samba (esse período é definido pela LIESA). Logo após a divulgação do enredo, a ala dos compositores começa o trabalho de pesquisa e a se dividir em grupos e parcerias para escrever os sambas que farão parte da disputa. É um momento muito importante para a escola e para a comunidade, que entra no ritmo de competição e divide-se para torcer para o samba que mais gostam.

2.2 - Os ensaios

A partir do mês de outubro, os ensaios iniciam e acontecem em dois dias da semana: às terças-feiras, na quadra da escola e aos domingos, na rua, mais especificamente na Avenida Amaral Peixoto no centro de Niterói. A divulgação dos ensaios é feita de várias maneiras: há um locutor presente em todas as atividades da Viradouro que fica no palco dando os informes e avisos gerais; há grupos de WhatsApp e a rede social Instagram, no qual são compartilhados todos os eventos. Nos print abaixo, há duas publicações que foram compartilhadas no Instagram oficial da escola, ainda do enredo “Rosa Maria Egípcíaca” reforçando os dias e horários de ensaios.

Figura 7 - Prints do Instagram da Viradouro



Fonte: Instagram da Viradouro (@unidosdoviradouro)

2.2.1 - Ensaio de quadra

Os ensaios de quadra estão marcados para começar às 19h, na quadra da Viradouro que fica localizada na Av. do Contorno, nº 16, no bairro do Barreto, na zona norte de Niterói. A localização da quadra é de fácil acesso e fica próxima à rua principal do Barreto, no qual há um movimento muito grande de ônibus que vem da própria Niterói, São Gonçalo, Itaboraí e também do Rio de Janeiro. Desse modo, é muito comum observar os pontos de ônibus com pessoas chegando para o ensaio da Viradouro, já vestidas com a camisa da escola ou com roupas nas cores vermelho e branca. Nos bares e lanchonetes próximos à quadra, assim como nas carrocinhas que vendem churrasco, no horário que antecede o início do ensaio, há a concentração de grupos de amigos que fazem parte da escola, esperando a hora do ensaio começar.

Apesar do horário do ensaio ser marcado para iniciar às 19h, ao chegar na quadra antes dessa hora, observei que somente a Velha Guarda, bateria, os diretores e a harmonia das alas chegam com antecedência. No caso específico da Velha Guarda, os integrantes dessa ala costumam chegar mais cedo pois eles realizam uma reunião antes do ensaio começar e também são os primeiros a serem liberados do ensaio. Um ponto que é importante ressaltar é que apesar do horário marcado ser considerado “cedo”, o ensaio demora a começar e isso se dá, principalmente, pela grande parte dos componentes saírem do trabalho e irem direto para o ensaio de quadra, demorando um tempo para chegar devido ao deslocamento. Por tal motivo, o ensaio só começa, de fato, por volta das 20h30 e 21h.

Ao trazer aspectos e características da quadra, antes de entrar, é feito uma revista por seguranças que ficam na porta de entrada. Pela segurança, além deles observarem se há objetos que podem ser perigosos, eles também são orientados a não deixarem as pessoas entrarem com bebida ou comida de fora, pois, dentro da quadra, há um bar e lanchonete. Essa revista acontece de forma rápida, para evitar a criação de fila ou tumulto para entrar. Então, após esse procedimento, é liberada a entrada. A quadra da Unidos do Viradouro possui o terreno grande e espaçoso e, após as reformas que aconteceram no início da presidência do Marcelinho Calil em

2019, é possível observar as cores vermelho e branco e o símbolo da Viradouro em diversas paredes, teto e até mesmo o chão da quadra.

Figura 8 - Foto da quadra da Viradouro após reforma (2019)



Fonte: Facebook Eu Sou de Niterói

Ao entrar na quadra, é possível ver que as estruturas laterais da quadra possuem organização espacial semelhante: do lado direito tem um bar/lanchonete, uma bilheteria, 3 salas administrativas e no final, os banheiros. Do lado esquerdo, tem um bar (que não vende lanches), cerca de 3 salas administrativas, uma bilheteria, novamente outro bar e no final, os banheiros. O palco fica localizado no centro, próximo a ele fica o espaço reservado para a bateria (uma espécie de plataforma com três níveis diferentes). Atrás do palco, fica o espaço/sala da Velha Guarda e também outras salas e camarim. Na parte superior do lado esquerdo, fica o camarote, que agora possui uma ampliação e possui um anexo ao final da quadra.

A partir das 19h30, já é possível ver o número de integrantes da comunidade e de visitantes aumentando. Em geral, as relações de proximidade acontecem pelas pessoas que fazem parte da mesma ala ou então por morarem em regiões/bairros próximos. Isso se dá, pois, ao ter que pegar o ônibus tanto para ir para a Viradouro quanto para voltar, as pessoas tendem a estabelecer um certo nível de proximidade, facilitando também para laços de afeto e amizade serem criados. Também observei que os grupos que são formados, possuem pelo menos cinco pessoas ou mais, então é comum ver rodinhas de amigos e que a idade é um fator também para as

divisões - pessoas com idade semelhante ficam mais próximas uma das outras. Por exemplo, os integrantes da ala dos adolescentes ficam próximos uns dos outros, mesmo com as subdivisões existentes em um grupo. A ala da Velha Guarda também fica sentada na mesma mesa. Outro ponto a ser destacado é que o consumo de cerveja é a preferência entre os integrantes da agremiação, é comum que as pessoas comprem um balde de gelo com cerveja (com seis unidades) e dividam o valor entre si.

Após o momento de chegada, onde a comunidade se cumprimenta e conversa com seus amigos enquanto o ensaio não começa, em alguns ensaios, por volta das 19h30 acontece uma roda de samba ou pagode que dura cerca de 1h30. Então, às 20h30, as pessoas integrantes da harmonia começam a chamar e organizar a comunidade para ensaiar. Nos ensaios, seja o de quadra ou o de rua, é importante destacar a harmonia, que cumpre um papel importante e central para que a dinâmica e fluidez aconteçam. Todas as ações da harmonia são muito bem definidas, pois, a harmonia é um dos critérios de julgamento da LIESA, ou seja, vale nota no dia do desfile. A definição de harmonia no Manual de Julgador da LIESA é:

Harmonia, em desfile de Escola de Samba, é o entrosamento entre o ritmo e o canto. Resultado da forma como os componentes de uma Escola desfilam cantando o Samba Enredo, demonstrando e considerando se há um perfeito entrosamento, consciência, domínio, audição e interpretação deles, em relação ao canto e ritmo do Samba Enredo junto ao intérprete principal, que tem como objetivo final a vibração, empolgação e comunicação do Samba Enredo durante o desfile. (p. 43)

Depois, começava o famoso “esquentar da bateria”, que é quando os componentes da bateria se juntam para começar a ensaiar. Conforme dito anteriormente, os integrantes da bateria possuem um local específico para ensaiar, em uma plataforma com três andares e o mestre de bateria fica numa espécie de totem móvel, à frente desse espaço. Após todos os integrantes se direcionarem para este espaço, a bateria começa a tocar. Primeiramente, eles começam a tocar os instrumentos um de cada vez, até todos começarem a tocar simultaneamente - o momento de afinação e trocas de ritmos. Após esse momento, a bateria começa a tocar os sambas antigos da escola, com o apoio do intérprete da escola. Desse

modo, a comunidade (termo utilizado para se referir aos integrantes de uma escola de samba) começa a ficar animada e preparada para, de fato, o ensaio começar.

O início do ensaio, de fato, se dá por volta das 20h30 e 21h. Antes da bateria começar a tocar e a cantar o samba do carnaval de 2023, eles cantam o chamado *samba exaltação*, que é o samba cantado por toda a comunidade antes de todo e cada ensaio começar e também antes dos desfiles na Avenida. Esse samba exaltação possui o intuito de alegrar e trazer a comunidade para o tempo de “ensaiar”, no qual todos cantam em uníssono, como um grito de guerra. A letra desse tipo de samba costuma ser curta e de fácil memorização, de modo que todos sintam a energia e a alegria de ser Viradouro, de pertencerem à mesma comunidade, da mesma escola de samba. De acordo com o Dicionário da História Social do Samba, de Nei Lopes e Luiz Antonio Simas (2015, p. 268), o significado de samba exaltação é “estilo de samba de caráter grandioso, com letra patriótica-ufanista e arranjo orquestral pomposo”:

É o dia
Chegou nosso dia!
Tá na hora da gente cantar
O samba correndo nas veias, incendeia
Um furacão que vai passar
Finquei minha bandeira, amor
Cheguei, pisei na avenida, tem que respeitar
Milhões de corações eu vou emocionar
O sol nascerá
De alegria eu sei vou chorar
Viradouro é minha paixão
Pra sempre vou te amar
Composição: Dominginhos do Estácio / Gilberto Gomes /
Gustavo Clarão

Figura 9 - Foto de ensaio na quadra da escola (2023)



Fonte: Ester Miranda

Conforme dito anteriormente, os integrantes da harmonia exercem papel essencial para toda a dinâmica do ensaio. No caso do ensaio de quadra, é papel da harmonia colocar as grades que dividem o espaço do ensaio do espaço dos que estão ali somente para observar. Depois, cabe também à harmonia ficar passando entre os componentes da ala, certificando que todos estejam com o samba na ponta da língua, além de garantirem que as alas que tenham partes coreografadas - quando existir - estejam sincronizadas. Cabe à harmonia garantir que, de fato, as alas estejam em harmonia e cumprindo o que foi combinado.

No entanto, além dessa descrição, a harmonia também fica responsável pelo bem estar dos integrantes da ala, oferecendo água e apoio para quaisquer eventuais situações que possam ocorrer. É uma orientação feita pela Harmonia que os componentes utilizem sempre as cores da escola “vermelho e branco” nas peças de roupas e sapatos, principalmente se a camisa oficial de ensaio não estiver pronta. Geralmente, há mais de uma pessoa da harmonia por ala: nos ensaios de quadra, uma harmonia fica na frente da ala cantando e fazendo direcionamentos

como “cantar mais alto, mais forte” e uma outra que fica nas pontas organizando as pessoas da ala, garantindo que fiquem divididas em linhas retas e também tomando conta para que não seja feito o uso de celular durante o ensaio. O uso do celular é proibido pela harmonia e caso a harmonia veja algum componente segurando o celular, ela vai até o componente para pedir para guardar e dar foco total para o ensaio.

Além disso, outro ponto crucial é que, hoje em dia, a maioria das alas não são pagas. A Viradouro atualmente possui 23 alas e somente uma ala é comercial, ou seja, possui as fantasias à venda. Então, a harmonia das alas da escola, ao final dos ensaios, realiza uma chamada, no qual possui o nome da pessoa que é integrante e se ela está cumprindo o dever de ir aos ensaios, tanto na quadra quanto na rua. Se a pessoa tiver um número grande de faltas, não poderá desfilar. É uma forma de manter o controle e, ao mesmo tempo, garantir que as pessoas tenham um compromisso/comprometimento maior com a escola, de modo que a pessoa continue a participar dos ensaios. Dessa maneira, quem cumprir com esses requisitos, recebe a fantasia para desfilar.

Figura 10 - Carteira de componente da escola (2023)



Fonte: Ester Miranda

2.2.2 - Ensaios de rua

Diferentemente dos ensaios de quadra, os ensaios de rua especificam que a concentração começará às 18h, na Avenida Amaral Peixoto, importante avenida da cidade de Niterói, localizada na região central. Os ensaios de rua acontecem todos os domingos, também a partir do mês de outubro. A Avenida possui chegada de

fácil acesso pois fica próximo ao Terminal Rodoviário de Niterói e também da Estação de Barcas Araribóia. Por tal motivo, é comum ver várias pessoas com a camisa de ensaio da Viradouro, descendo dos ônibus no Terminal e indo caminhando para a Avenida Amaral Peixoto. Desde a chegada na Avenida, já é possível notar que as pessoas chegam acompanhadas por amigos ou conhecidos que encontram no ônibus.

O trânsito da Avenida Amaral Peixoto é fechado algumas horas antes do ensaio começar, de modo que sejam colocadas grades de divisão entre o espaço do ensaio e do público. A concentração para o ensaio é na frente do prédio da Câmara Municipal dos Vereadores de Niterói, ou seja, no “final” da Amaral Peixoto. Dessa forma, a ideia é que o ensaio aconteça como se fosse um desfile na Sapucaí - é um ensaio com movimento, em que a comunidade caminha de um ponto para o outro - e essa também é uma característica que distingue o ensaio de rua com o de quadra (que é um ensaio “parado”).

Às 18h, assim como no ensaio da quadra, é possível observar que a Velha Guarda também é uma das primeiras alas a chegar e eles costumam levar algumas cadeiras para ficarem sentados aguardando o horário do ensaio. Os integrantes da bateria também chegam mais cedo e ficam juntos, em grupos, afinando os instrumentos enquanto o ensaio não começa. Os membros da harmonia também chegam mais cedo. Além deles, é possível ver alguns grupos de amigos da própria comunidade que combinam de chegar mais cedo para tomar algumas cervejas e há também os ambulantes da Amaral Peixoto que já vão marcando o ponto em que vão ficar para vender as bebidas como água, cerveja, refrigerante, biscoitos e balas.

O ensaio, assim como na quadra, demora um tempo para começar. Por volta das 19h, quando o fluxo da comunidade chegando já aumentou, o locutor começa a dar alguns avisos no microfone. No caso do ensaio de rua, é importante ressaltar a presença do carro de som, assim como dois caminhões de mudança - um que serve como camarim e um outro responsável por levar os instrumentos da bateria para a Avenida Amaral Peixoto. Dessa forma, é perceptível uma grande organização da escola para que os ensaios aconteçam da melhor forma. A Avenida também recebe banheiros químicos (quatro banheiros em cada quarteirão da Avenida) e há sempre pessoas responsáveis pela produção e segurança, tomando conta de algumas partes das grades para que não sejam retiradas.

O ensaio de rua começa por volta das 19h30, de forma semelhante com o ensaio de quadra: os integrantes da harmonia começam a colocar a comunidade na “arrumação” para o ensaio, pedindo para que sejam feitas fileiras em cada ala. Enquanto a harmonia termina de organizar as alas, o puxador começa a cantar sambas antigos da escola e, assim que todos estejam em seus devidos lugares, todos cantam juntos o samba exaltação da Viradouro, de modo a ficarem sintonizados e entrarem na mesma emoção para iniciarem o ensaio. Outro ponto a ser destacado é que quatro placas escrito “jurados” ficam espalhadas na Avenida Amaral Peixoto, como representação das cabines de jurados no Sambódromo. Além disso, também ficam espalhadas entre as alas, seis tripés com um banner escrito “alegoria”, de forma a representar a quantidade de carros alegóricos que a escola levará para o desfile oficial.

Com o ensaio já acontecendo, é possível confirmar que a dinâmica é realmente muito parecida com a de um desfile oficial. As alas começam a andar em direção ao início da Amaral Peixoto. A harmonia fica entre os componentes e na frente de cada ala para que a comunidade cante os sambas com o maior entusiasmo possível. Assim como na quadra, o uso de celular não é permitido. Além disso, outro ponto que foi interessante perceber foi a dança do mestre sala e porta bandeira que, assim como no Sambódromo, eles param em frente às cabines julgadoras para poder dançar e exibir a bandeira da escola. Sendo assim, o casal parava em frente às placas e ficava um tempo dançando e também interagindo com o público observante do ensaio.

Dessa maneira, o ensaio de rua acontece até chegar ao início da Amaral Peixoto. E, assim que se finaliza, as pessoas começam a se direcionar para o Terminal Rodoviário para voltar para casa. Uma outra diferença a ser observada num primeiro momento foi que os ensaios na quadra são mais frequentados pela comunidade e não tem tanta movimentação pela limitação do tamanho da quadra. Já os ensaios de rua são muito marcados pela grande movimentação dos componentes, que ensaiam um “desfile”, caminhando do início até o final da Avenida. Além dos componentes, nos ensaios de rua é possível notar outros participantes: pessoas que não fazem parte da escola, mas que gostam de assistir aos ensaios e ficam na calçada e os vendedores ambulantes que aproveitam os ensaios para venderem as mercadorias. “Desta maneira, no espaço e no tempo

carnavalescos, os comportamentos dos que estão reunidos se diferenciam conforme os papéis que desempenham” (QUEIROZ, 1994, p. 30).

Figura 11 - Ensaio de rua (2023)



Fonte: Instagram da Viradouro (@unidosdoviradouro)

2.3 - Sociabilidade na Viradouro

Além dos aspectos mais formais ou organizativos trazidos nos tópicos anteriores, é importante ressaltar que escola de samba é um espaço múltiplo, no qual a comunidade e demais frequentadores se associam e formam laços. Nesse sentido, trazendo o conceito de Simmel (1983) sobre sociabilidade que discorre que determinados impulsos e objetivos conduzem os indivíduos a compartilharem a vida, agindo por, com, ou até mesmo contra e é manifestado de inúmeras formas distintas, pela qual as pessoas se reúnem e trocam entre si:

[...] sociedade propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo

ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos, existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade (SIMMEL, 1983, p.169)

As práticas de sociabilidade foram observadas durante a pesquisa de campo, no qual pude perceber que no período antes dos ensaios começarem, os integrantes da comunidade da Viradouro parando para beber e comer um lanche nos bares e carrocinhas próximos à quadra. Nos ensaios de quadra, é perceptível que a maioria dos presentes estejam em grupo, geralmente com pessoas com idade semelhante, conversando sobre inúmeros assuntos.

Além disso, ao realizar entrevistas com dois componentes da agremiação, pude também conhecer outras práticas de sociabilidade: criação de grupos de torcidas da Viradouro e como são utilizadas as redes sociais Facebook, Instagram e WhatsApp para fortalecer os laços criados na escola. Os laços e afinidades começam na escola de samba e a partir dos grupos de torcidas, os integrantes se encontram e compartilham do estar junto e do grande amor em comum, a Viradouro. Durante a pesquisa de campo, identifiquei pelo menos 3 grupos: “Para Sempre Viradouro”, “TMJ Viradouro Unidos do Viradouro é Especial” e “Torcida ViraFênix” - nos três grupos percebi algumas semelhanças: cada um desses grupos esteve diretamente ligada ao momento de disputa de samba na escola, no qual a ala dos compositores se divide e fazem parcerias, logo, o motivo de existir mais de uma torcida. E, além das resenhas e churrascos, os grupos compartilham informações sobre os ensaios, qual samba estarão apoiando ou quem poderá segurar a bandeira da Viradouro, por exemplo.

Trarei um trecho da entrevista realizada com o Mocotó, integrante da ala dos compositores, que explica como o grupo dele funciona:

Eu tenho um grupo, Esterzinha, denominado “Para Sempre Viradouro”, então é de eventos, né. Eu elaboro eventos de resenhas, a gente vai para sítio, a gente aluga salão e a gente faz resenha com batuque, comida, bebida, etc. Todo mundo se abraça, todo mundo junto com carinho, respeito... Se está no meu grupo, entrou em uma de não tá legal, eu dou a primeira oportunidade. Na segunda, eu já tiro, já sai do grupo, eu falo “não, não, não. A gente pode até continuar amigo, mas tu não pode estar no grupo”. Então, no meu grupo não tem papo de futebol. Isso dá confusão, religião: cada um com a sua. Política: cada um vota em que quer.(...) (MOCOTÓ, entrevista dada à autora em setembro de 2023)

Dessa maneira, é possível afirmar que a criação de grupos de torcidas dentro da própria escola, corroboram para que o fenômeno da sociabilidade dito por Simmel (2006) continue acontecendo.

A sociabilidade não possui em si mesma, nenhuma finalidade objetiva, além do interesse em estar sociado. Ou seja, ela depende exclusivamente das personalidades entre os quais ela ocorre, em que não se deve buscar nada além da satisfação daquele instante. Onde o que interessa é apenas o sucesso do momento sociável. Como consequência, as condições e os resultados do processo de sociabilidade são exclusivamente das pessoas que se encontram em sociação, numa situação em que a sociabilidade permanece limitada aos seus participantes (SIMMEL, 2006, p. 66).

Um outro momento onde práticas de sociabilidade e tradição acontecem são nas feijoadas. As feijoadas são eventos tradicionais nas escolas de samba, inclusive tendo até um calendário, no qual uma escola convida a outra para participar dessa importante manifestação. A feijoada é um momento significativo de celebração e de continuidade de tradição das tias baianas, que ficam responsáveis por cozinhar juntas o prato, assim como servi-los. Dessa forma, a ala das baianas torna-se a centralidade do evento, tanto recebendo as pessoas, quanto ao fazer a comida, ao comer juntos, ao dançar e girar as saias. E, para além do almoço da feijoada, que por si só já é uma importante prática de afeto, sociabilidade e tradição, o evento também celebra durante o dia inteiro o samba, o dançar, o estar junto e a ancestralidade.

Sendo assim, a escola de samba Unidos do Viradouro, seja nos ensaios de quadra ou rua, nas feijoadas e demais festividades da escola, se torna algo que vai além do espaço físico propriamente dito e onde práticas de sociabilidade ocorrem o tempo todo. Nesse sentido, apesar de toda forma organizativa que as escolas de samba possuem atualmente, pode-se dizer que a tradição permanece: um local que as pessoas vão para se divertir, beber cerveja, sambar, no qual laços e amizades são criados.

CAPÍTULO III - “VIRADOURO É MINHA PAIXÃO, PRA SEMPRE VOU TE AMAR”: MEMÓRIA E IDENTIDADE NA UNIDOS DO VIRADOURO

Afinal, o que é memória? O que é identidade? Em quais momentos e discursos será possível analisar esses conceitos? Para responder essas perguntas, trarei aqui a conceituação de alguns autores e discutiremos sobre o que acontece na escola de samba e irei relacionar com os trechos de falas de entrevistas semi estruturadas que foram realizadas com dois integrantes da GRES Unidos do Viradouro: o Mocotó e o Lambreta.

Figura 12 - Lambreta



Fonte: Ester Miranda

Figura 13 - Mocotó



Fonte: Ignácio Ribeiro

3.1 - Memória e identidade

A memória pode ser entendida como um processo no qual os indivíduos reconstruem suas lembranças, com base em experiências e vivências anteriores, do passado. Maurice Halbwachs (1990) aponta que a memória coletiva seria

reconstruída a partir da junção de lembranças do passado de um grupo social que se reconhece. Ou seja, a memória não poderia ser considerada unicamente individual, uma vez que, convivendo em sociedade, cada indivíduo mantém e possui diversas interações com outros que estejam à sua volta.

Para contribuir nesse debate acerca da memória, Michael Pollak (1992) aponta que a memória é seletiva porque a memória é fluida, mutável e passível de esquecimento. Não é tudo que é lembrado: ao contarmos um acontecimento, é provável que lembraremos ou enfatizamos mais alguma coisa que outra. Além disso, sendo a memória seletiva, ela também pode ser construída: um grupo social pode fazer com que tal acontecimento seja relembrado (de modo a não ser esquecido), enquanto outros são totalmente apagados.

Sendo assim, a memória, por possuir tais características, está sempre em disputa - disputa do que será lembrado, do que deverá ser esquecido ou minimizado. Tais disputas são diretamente influenciadas pelas narrativas de grupos hegemônicos, como por exemplo, citado no capítulo 1, no qual a elite carioca através da imprensa, determinava e reforçava a distinção entre o Pequeno e Grande Carnaval. Por isso, torna-se tão importante falar sobre escola de samba e Viradouro, trazendo e evidenciando outras perspectivas e narrativas.

Ainda de acordo com Pollak, em seus estudos traz a indagação de quais seriam os elementos constitutivos da memória, sejam elas individuais ou coletivas, no qual ele aponta alguns pontos principais: acontecimentos, pessoas/personagens e lugares. No caso de acontecimentos, ele destaca a diferenciação entre acontecimentos vividos pela própria pessoa e os acontecimentos “vividos por tabela”, no qual uma pessoa por pertencer a algum grupo - mesmo que não tenha de fato vivenciado o acontecimento - tem no imaginário que participou. Nesse sentido é interessante perceber o discurso que Lambreta (2023) fez, quando perguntado sobre a história da Viradouro, ele inicia a fala da seguinte forma:

O que eu vou contar para você são coisas que eu não participei. Eu conheci os velhos. As pessoas antigas que me contavam. Eu queria fazer parte lá, como um estudioso do samba que sou até hoje. Viradouro era lá na Garganta. Chama-se Garganta, lá em Santa Rosa, foi fundado lá em 1946, tinha as cores azul e rosa, é a cor do manto da nossa senhora que tem em Santa Rosa (Nossa Senhora Auxiliadora) e a Viradouro começou ali, lá no morro. Depois, uma pessoa lá que eu não sei e acho que o senhor Nelson

Jangada, que era o fundador da escola também , idealizador e tudo. Seu Nelson parece que levou um comerciante que tinha uma loja que era na Visconde de Uruguai com Rua da Conceição. Ele leva lá o cara e o cara passa a frequentar a quadra lá em cima [...] Lá tinha nada. Tinha uma quadra, tinha um terreno assim. Devia ser uns 15 por 20, essa área cercada. Esse comerciante começa a gostar. O que ele faz: ele ia lá sábado e Domingo, mas tinha uma ala que jogava com outra. Ele começou a levar uma carne, entendeu? Fazer o churrasco, fazer uma festa lá em cima e começou a se entrosar dentro da escola de samba.

Dessa forma, é possível perceber logo no início da fala do entrevistado o que Pollak(1989) discorre sobre “acontecimentos vividos por tabela”. Lambreta não esteve presente no exato momento da criação da Unidos do Viradouro, mas por tanto ouvir e conversar sobre tal acontecimento, em parte do discurso, ele fala como se tivesse visto e participado do momento. Além disso, é importante destacar aqui a importância da história oral, passada dos mais velhos aos mais novos: na frase dita por Lambreta “O eu vou contar para você coisas que eu não participei. Eu conheci os velhos. As pessoas antigas que me contavam, eu queria fazer parte lá, como um estudioso do samba que sou até hoje”.

Ao pensarmos sobre os lugares de memória “[...] existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (Pollak, 1992, p. 200-212). Esses lugares de memória podem ser um local que a pessoa marcou na memória com muito afeto. Sendo assim, a partir da perspectiva de Pollak podemos considerar a escola de samba Unidos do Viradouro, por se tratar de um espaço onde acontecimentos e lembranças são marcados tanto pelas práticas de sociabilidade quanto pelo sentimento de pertencimento que a comunidade da escola forma nos ensaios, desfiles e feijoadas.

Pollak (1992) também discorre que a memória faz parte da construção da identidade individual e coletiva, evidenciando que há ligação direta elas:

“[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual quanto coletiva na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (POLLAK, 1992, p. 200)

Por identidade, Pollak argumenta que

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 200)

Sendo assim, podemos observar a Viradouro como um importante fator na construção da identidade e memória, no qual os integrantes da escola de samba podem ser entendidos como um grupo que reforçam e criam memórias, portanto, fortalecendo o sentimento de pertencimento, contribuindo para a construção de identidade. Também é importante ressaltar a história oral enquanto mecanismo para preservação da cultura negra, da cultura carnavalesca, pois é através da oralidade, das conversas e narrativas dos indivíduos e sujeitos que fazem parte da escola de samba que os costumes e tradições são passados e perpetuados. Sendo assim, é perceptível uma diferença entre a “espetacularização do desfile” e do que é vivenciado dentro da quadra, nos ensaios, feijoadas e festas, no qual as práticas de sociabilidade, o estar junto, fazer parte de uma comunidade fazem parte da tradição e da cultura afro-brasileira. Ainda assim, é importante ressaltar que essas vivências não se anulam, mas se complementam para a formação da memória e identidade dos integrantes da Viradouro.

3.2 - Narrativas de memória e identidade

A memória a ser discutida neste tópico atravessa o individual e o coletivo - ou seja, de que modo o coletivo permeia a formação e construção da identidade individual de cada um. Durante as entrevistas, por exemplo, tanto o Jorge Lambreta quando o compositor Mocotó, compartilham que o nome “apelido”, veio do samba:

O meu nome é Ignácio Ribeiro Filho e assim Mocotó veio de samba. Antigamente existia concurso. De samba de terreiro⁶, depois passou

⁶ De acordo com o IPHAN, as Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido alto, samba de terreiro e samba enredo foram inscritas no Livro de Registro de Formas de Expressão, em 2007: o partido alto, vinculado ao cotidiano e a uma criação coletiva baseada em improvisos; o samba-enredo, de ritmo inventado nas rodas do bairro do Estácio de Sá e apropriado pelas nascentes escolas de samba para animar os seus desfiles de Carnaval; e o samba de terreiro, vinculado à quadra da escola, ao quintal do subúrbio, à roda de samba do botequim.

pra samba de Quadra. Hoje não existe mais. Hoje, nas quadras de samba, samba de enredos, mas nós fazemos samba de de terreiro. Sim, fazíamos samba de quadra. A gente fazíamos e outra coisa: a gente não entrava numa ala de compositores de grandes escolas de samba sem antes você testar que você realmente era compositor, você teria de fazer samba, de terreiro, samba de Quadra, pra você provar que realmente você é compositor, entendeu? Então, eu participei de uma série de concursos e a maioria deles eu cantava samba de mocotó, tinha a ver com mocotó. Aí as pessoas que não me conhecia, né? Aí falava assim: ô mocotó, Chega aí. Não teve um jeito, mesmo se eu quisesse tirar, já haviam registrado. (Mocotó,2023)

Destaco também que em diversos momentos, o Mocotó e o Lambreta, ao falarem algo sobre si mesmos, iniciam a fala sobre algum acontecimento do passado - dessa forma, mais uma vez a história oral aparece com muita força. Além da importância da história oral, que já foi citada anteriormente, Mocotó faz diferenciações entre o passado e o presente ao contar que antigamente era samba de terreiro e que agora é samba de quadra. Assim, percebe-se que a memória é acionada com frequência para que ele reafirme e explique coisas no presente - corroborando com o que Michael Pollak (1992) apontava sobre o aspecto fluido e mutável da memória. A memória sendo passível de esquecimento, é perceptível que Mocotó lembra ou enfatiza mais alguma coisa que outra - em no caso da fala acima, ele o faz por se tratar de parte da construção da sua própria identidade.

Por outro lado, Lambreta também explicou como o apelido dele foi criado - assim como o Mocotó, também é um apelido que veio do samba e que ambos adotaram como o nome ou sobrenome oficial. Eles explicaram que, ao chegar na quadra da escola de samba, é capaz de se perguntar quem são eles pelo nome da certidão, há uma possibilidade de não saberem quem é. Mas, se perguntarem quem é o compositor Mocotó ou quem é o Lambreta da Velha Guarda, vão saber dizer. Sendo assim, Lambreta explica que o apelido dele veio a partir de um passo que, na época, existia na ala dos passistas, do qual o mesmo foi integrante durante alguns anos:

Existia naquela época. Um passo de samba que era lambreta. Quem dava muito isso era Jorginho do Império, né? Domingo, o pessoal teve com ele lá e careca, que era também um cara do Império Serrano. Existia uma ala de coreografia porque não existia coreografia nas escolas de samba, então eles jogavam bola na avenida, sem bola, aí esse negócio de da lambreta que era um passo mais ou menos assim. Era um movimento parecido. Aí é que tinha um local em Niterói que se encontrava os caras de samba ali na Visconde de Uruguai, aí eu passei a ser muito bom naquilo. Aí

quando eles iam falar no meu nome e diziam assim, ó, aí o cara que faz Lambreta. Até minha mãe me chama de Lambreta. (Lambreta,2023)

Dessa maneira, ambos os componentes demonstram em suas narrativas que a vida e o samba se intercalaram de tal modo que já não era mais possível separar o “eu” dentro da escola e o “eu” da vida. O fazer parte da escola de samba e o de ter um papel crucial e ativo, corroboram para a construção da identidade individual de cada um. Lambreta, no final da entrevista, me deu o cartão de visitas que ele fez, no qual possui a descrição de suas funções na escola. Ele afirmou que fica feliz ao ser entrevistado pois se sente valorizado.

Figura 12 - Cartão de visita Lambreta



Fonte: Ester Miranda

Dessa maneira, é possível perceber o quanto Lambreta reafirma para o coletivo a sua personalidade - ele é compositor, membro do conselho deliberativo e Galeria da Velha Guarda. Ao dizer que se sente valorizado, Lambreta também reafirma o seu lugar enquanto sambista e conhecedor do mundo do samba - durante a entrevista, ele foi extremamente solícito e possuía essa vontade de ser perguntado, de ser procurado para que ele conte sobre o samba, sobre a Viradouro.

Durante as entrevistas, ambos os sambistas afirmaram possuir diversos objetos, jornais, revistas, fotos, roupas e outros objetos relacionados à Viradouro. Enquanto Mocotó diz “Aqui em casa é bordado de coisas de viradouro, bordado, bordado. Eu tenho um quadro aqui, caraca muito lindo aqui com o samba”. Lambreta também compartilha que tem um espaço na casa dele reservado para dar festa. “Tem Mesa boa, tem espaço, tem som, tem tudo. Faz samba também, faz

pagode, faz tudo em casa mesmo e um tal de vermelho e branco, entendeu? Parece até uma Mini viradouro.”

Figura 13 - Muro na casa do Lambreta



Fonte: YouTube (@familialambreta)

Outro ponto a ser ressaltado é a tradição e o amor pela escola que é passado de pai pra filho, de avô para neto e assim por diante. Lambreta afirma que a família toda é Viradouro: “Hoje em dia, a minha nora é compositora da Viradouro, meu filho é da bateria, meu neto tá com 15 anos agora quer entrar na bateria, aí está na ala dos adolescentes. Minha mulher é compositora e minha filha é evangélica, mas é compositora licenciada pela Viradouro.”

Além do amor que é passado entre a família “de sangue”, foi observado em duas falas tanto do Mocotó quanto do Lambreta que o significado de Viradouro para eles é família. Ao perguntar “O que é a Viradouro para você?”, ouvi as seguintes respostas:

Caraca. Eu não sei uma palavra. Uma palavra? A Viradouro pra mim é tudo. Se é uma palavra, né? Viradouro é tudo. Viradouro é uma família. (Mocotó, 2023)

Viradouro para mim é minha segunda família. A gente respira Viradouro. Meu filho, minha filha, minha nora, todo mundo viradouro. A gente gosta muito dessa escola. (Lambreta, 2023)

De forma sucinta e rápida, ambos os entrevistados responderam que a Viradouro significa família para eles - evidenciando, dessa forma, que os laços afetivos e relações que são criadas dentro da escola de samba ultrapassam esse espaço e acabam por continuar a desenvolver uma relação fora da quadra também. Com isso, é possível perceber a importância que a Viradouro exerce na vida dos componentes e o quanto as amizades criadas ali permanecem e são duradouras a ponto de ser considerado família.

Um outro ponto a ser trazido aqui é a relevância da coletividade e do ser “comunidade”, sentido de se estar junto e pertencer a um grupo. Trarei como exemplo aqui, o caso da ala dos compositores. A ala dos compositores possui uma especificidade em relação às outras: após a escolha do enredo, é necessário que seja feita uma “disputa de samba”, para ser escolhido o novo samba para o carnaval. Então, os integrantes da ala dos compositores se dividem em grupos para criarem sambas e, depois, participar da “disputa de samba”, que é a realização de uma competição entre os grupos e parcerias para a escolha.

Neste ano, por exemplo, 16 sambas participaram da disputa. As apresentações dos sambas na quadra foram divididas por duas chaves (chave branca e chave vermelha) e os sambas foram sendo “eliminados” até chegar a “final do samba”, no qual três sambas competem para ser o vencedor. Por possuir esse caráter de disputa, é comum durante o período do concurso que a comunidade também se divida e cada grupo ou indivíduo escolhe qual é o samba preferido e para qual samba vai torcer: seja por questão de amizade ou por gosto pessoal da letra do samba. No entanto, o ponto a ser ressaltado aqui é que, após esse período de competição, o samba escolhido (pelo carnavalesco e equipe técnica), passa a ser o novo hino e quaisquer distinções são deixadas de lado: o que vale é aprender e cantar o samba, pois o samba passa a ser da comunidade. Sendo assim, a comunidade abraça o samba vencedor: “Independente de qualquer coisa, é o samba vencedor é o que eu vou cantar, o que eu vou defender, é o samba mais lindo da cidade e acabou. É o samba mais lindo do Rio, que aí não tem para ninguém.” (Mocotó, 2023). Dessa maneira, é possível perceber que, mesmo que o samba escrito pelo próprio Mocotó não seja o vencedor, o que vale é a identidade

coletiva, a coletividade de pessoas que se reconhecem entre si como um grupo. Ressalto que de acordo com Pollak (1992), “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”.

3.3 - Memória e Velha Guarda

Ao relacionar memória e escola de samba, é difícil não pensar em Velha Guarda. Como um dos entrevistados na minha pesquisa foi o Jorge Lambreta, integrante da Velha Guarda, é de extrema necessidade trazer aqui alguns aspectos de sociabilidade, memória e identidade presentes nesse grupo tão importante e que carrega uma especificidade dentro de uma escola de samba. De acordo com Guimarães (2011), a Velha Guarda seria um conjunto de sambistas e pessoas envolvidas no cotidiano do mundo do samba e no carnaval, que reivindicam um lugar no presente das escolas de samba que está em constante relação com o passado.

Assim como a Harmonia, a Velha Guarda possui um aspecto distintivo em relação às outras alas. Cabe a Velha Guarda carregar a memória da escola. Nesse sentido, a oralidade e o respeito aos mais velhos, aos que vieram antes são cruciais para esse grupo. A Velha Guarda da Viradouro possui 74 componentes. Aqui, irei destacar algumas práticas de sociabilidade que se dão de forma semelhante, porém com diferenças que são marcadas por esse grupo.

A Velha Guarda, mesmo fazendo parte da escola de samba, possui uma organização à parte, dada a importância e ao envelhecimento do corpo que se faz presente no mundo do samba. A Velha Guarda, no dia de ensaio de quadra, conforme dito no capítulo anterior, se reúne um pouco mais cedo para reuniões de organização de festas e passeios em outras escolas de samba do Rio de Janeiro. Além disso, a Velha Guarda possui uma mensalidade que é destinada aos conjuntos de roupas (feitas sob medida) e acessórios com as cores da escola (vermelho e branco). Os integrantes do gênero masculino, em geral, estão trajados com calça, paletó e sapato fechado e as integrantes do gênero feminino com vestido ou blusa e saia, e sapatos também fechados.

Outro ponto que foi destacado por Lambreta durante a entrevista foi que a Velha Guarda possui um Conselho Deliberativo responsável por avaliar e decidir a entrada de novos membros na ala. Nessa avaliação, há uma fase de observação do Conselho em relação ao comportamento da pessoa que possui interesse em integrar a Velha Guarda. Além disso, ele destacou que a pessoa deve ter, ao menos, 20 anos de escola e ter participado de mais uma função, o “viver a escola”.

O certo é ter 20 anos de escola , mas hoje em dia... Porque muita gente quer entrar. Você tem que ter um contingente. Aí você tem uma consideração pela pessoa, aí a pessoa já tem idade e tal... A gente vê como é que a pessoa, faz o reconhecimento da vida pessoal da pessoa, bonitinho. Nós temos aqui 74 pessoas na Velha Guarda. Se o repórter chegar na avenida e perguntar alguma coisa, tem que saber responder. Mas a Velha Guarda é isso, entendeu... Tem que ser uma pessoa direita, não é qualquer um que entra na Velha Guarda porque a Velha Guarda é tudo na escola. (LAMBRETA, 2023)

Os integrantes da Velha Guarda são tratados com muito respeito e admiração pelos demais componentes da escola que, ao chegar na quadra, logo se dirigem à eles para cumprimentá-los. Durante a entrevista com o Lambreta, que aconteceu no espaço onde a Velha Guarda se reúne, a nossa conversa foi “interrompida” em diversos momentos, pois todos que chegavam queriam ao menos, dizer “Boa noite, seu Lambreta”, que educadamente e com felicidade, respondia à todos e explicava que estava “conversando com essa menina que tá querendo saber mais sobre a escola” (se referindo a mim).

O presidente da escola vai passar ali. Tem gente que conhece ele e vai falar com ele, mas eu vestido de Velha Guarda, tem gente que não me conhece, e pede pra tirar uma foto, pra dar um abraço. Então é muito importante, entendeu? A velha guarda é muito importante, é tudo da escola, é o respeito. As pessoas têm jeito de tomar bênção. Velha Guarda é respeito e a gente não pode botar qualquer um. (LAMBRETA, 2023)

Adicionalmente, Lambreta também salienta durante sua fala que ser diretor não traz nenhum tipo de benefício ou pagamento por exercer tal função:

A Velha Guarda tem 13 diretores. Eu era diretor, mas não estava aguentando não. A gente trabalha aqui como voluntário: presidente, vice-presidente, o diretor paga a mesma coisa que você paga, nós pagamos nessa roupa. Nosso sapato, camisa e tudo. Então é voluntário. (LAMBRETA, 2023)

A voluntariedade de assumir responsabilidades e demandas não acontece somente na ala da velha guarda. Dessa maneira, é possível entender e relacionar o samba como dádiva, ou seja, “que pressupõe a doação sem a certeza do retorno, pode ser identificado entre aqueles que constituem o alicerce das agremiações, desenvolvendo tarefas em que o laço social é o mais importante e assumindo a preeminência das ações humanas.” (Gonçalves, 2018). Na escola de samba, fazer parte da harmonia e ter a responsabilidade de cuidar das pessoas e produzir um desfile fluido é voluntário, assim como as divisões da velha guarda e podemos até mesmo citar a própria comunidade que dispõe de, pelo menos, dois dias na semana para ensaiar e tornar o desfile possível - é o amor pela escola que vale.

Portanto, é possível analisar a escola de samba Unidos do Viradouro como um espaço de sociabilidade e potencializar de narrativas acerca de memória e construção de identidade - seja individual quanto coletiva. Entrar para a escola de samba e começar a fazer parte das suas dinâmicas, alas e comunidade reforçam a formação da identidade sambista, de resistência da cultura negra, carnavalesca e periférica. Os laços e afetos criados ultrapassam o espaço físico da escola de samba e corroboram para a preservação e memória do samba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de conclusão de curso foi realizado com o objetivo de buscar entender e analisar como acontece a construção de memória e identidade tanto individual quanto coletivo numa escola de samba e, nesse caso, a Unidos do Viradouro. Dessa maneira, antes de adentrar sobre esse objetivo principal, achei importante trazer uma breve contextualização histórica para entender como se deu o surgimento das escolas de samba e das práticas carnavalescas que ainda acontecem nos dias atuais. Com isso, consegui entender mais e identificar como o carnaval carioca, em especial o de rua, foi muito disputado pelas diferentes camadas sociais. Numa sociedade estruturalmente elitista e racista, foi possível perceber diversas tentativas desse grupo hegemônico em afastar e apagar a memória das práticas de sociabilidade e afetos das populações negra e periférica, que lutaram muito e ainda lutam pela devida valorização e reconhecimento do samba e demais manifestações e produções culturais.

Ao observar os ensaios da Viradouro e fazer a etnografia, também foi possível me aprofundar nas principais características de cada um dos modelos de ensaio (o de quadra e o de rua), de modo a identificar quais são as práticas de sociabilidade e relações de afeto que são criadas entre os componentes da escola e a importância que escola de samba possui na vida de cada um. A partir das entrevistas, foi de extrema relevância conhecer a trajetória de vida dos sambistas Lambreta e Mocotó, que desde a juventude participam ativamente do carnaval e escolas de samba de Niterói e São Gonçalo, fazendo parte da comunidade da Unidos da Viradouro há mais de 30 anos. Com isso, também aponto e questiono como a memória e a identidade desses sambistas - e consequentemente da escola - até que ponto são valorizadas e preservadas. Pelo menos até a finalização da pesquisa, não consegui achar na quadra da Viradouro gravações ou outros materiais históricos relacionados ao surgimento da Viradouro, como por exemplo uma trajetória mais completa e fotos de quem foi o Nelson Jangada (um dos fundadores da quadra) ou outros sambistas que foram cruciais para a escola, como o próprio Lambreta e o Mocotó.

A partir da pesquisa, também identifiquei a importância da oralidade numa escola de samba e de como as tradições e histórias são passadas, seja do mais velho para o mais novo, seja nos eventos que acontecem na escola. Inclusive, inicialmente, a ideia da minha pesquisa seria trazer entrevistas com integrantes a

partir dos 50 anos e também com integrantes com menos de 30 anos, de modo a buscar entender quais seriam as possíveis diferenças e similaridades na construção de memória e identidade com base nesses dois grupos. No entanto, descobri a grande questão de se fazer um trabalho de campo: as adversidades. Não consegui entrevistas trazendo esse recorte de idade e também acabei não conseguindo entrevistar trazendo um recorte de gênero, o que também acho que seria muito interessante de se pensar.

Outra grande dificuldade que percebi foi conseguir “condensar” um tema como o carnaval, que possui tantas possibilidades e transversalidades em um trabalho de conclusão de curso. Acredito que o meu trabalho tenha sido um primeiro passo, mas seria interessante uma pesquisa mais aprofundada sobre as escolas de samba, sobre a Viradouro e com mais entrevistas com outros sambistas que carregam a memória da escola. Dessa forma, acredito que seria crucial a leitura de mais autores e pesquisadores sobre o tema, a criação de um acervo específico da Viradouro com entrevistas e cópias dos materiais de jornais e revistas, fotografias das festividades que acontecem na escola de samba, de modo a preservar a memória da Viradouro, principalmente a partir do olhar de integrantes da comunidade - o próximo passo será conhecer e contatar o departamento cultural da escola.

Ao recuperar o debate trazido no presente trabalho acerca da memória, Pollak (1992) apontou sobre a memória ser fluida, mutável e passível de esquecimento - ou seja, sendo a memória seletiva, ela também pode ser construída: um grupo social pode fazer com que certo acontecimento seja lembrado (de modo a não ser esquecido), enquanto outros podem ser totalmente apagados - evidenciando a disputa sobre a memória. Grupos sociais hegemônicos estão sempre na disputa e na tentativa de apagar a memória de grupos sociais subalternos e marginalizados que evocam as memórias subterrâneas - de acordo com Pollak (1989) “prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível”(p.3). Sendo as memórias subterrâneas acionadas a partir da história oral e encontrando outras formas de se opor à memória tida como “oficial”, resalto e destaco mais uma vez a importância da criação de estratégias para preservação da memória, identidade e tradição da escola de samba Unidos do Viradouro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cavalcanti, Maria Laura V. de C. (2004). *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva, tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 2004

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: v.2, n.3, 1989

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5.n. 10, 1992, p. 200-212.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. O samba é o dom: sobre as velhas guardas e a presença da dádiva nas relações de sociabilidade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 71, p. 252-273, ago. 2018.

LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1978

ALBIN, Ricardo Cravo. *Escolas de samba. Textos escolhidos de cultura e artes populares*, Rio de Janeiro, v.6, n1, 2009.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.

QUEIROZ, Maria I. P. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

GUTERRES, Liliâne S. "Sou Imperador até morrer". Um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre. Porto Alegre: PPG Antropologia Social/UFRGS, 1995.

FERREIRA, Felipe. *DO ENTRUDO AOS PASSEIOS: A HIERARQUIZAÇÃO ESPACIAL DO CARNAVAL CARIOCA NO SÉCULO XIX* Universidade Estadual do Rio de Janeiro

COSTA, Haroldo. Cem anos de carnaval no Rio de Janeiro. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.

GONÇALVES, Renata de Sá. Os ranchos carnavalescos e o prestígio das ruas: territorialidades e sociabilidades no carnaval carioca da primeira metade do século XIX. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 71-80, 2006.

FERREIRA, Luiz Felipe. Rio de Janeiro, 1850-1930: A Cidade e seu Carnaval, Departamento de Geografia/UFRJ.

BAKHTIN, M. M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1999.

NOGUEIRA, Nilcemar. Matrizes do samba no Rio de Janeiro : partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil), 2014.

FERREIRA, Felipe; O LIVRO DE OURO DO CARNAVAL BRASILEIRO. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Lopes Alves, F.: "*A dinâmica da sociabilidade em Georg Simmel*", en *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Julio 2013, www.eumed.net/rev/cccss/25/georg-simmel.html

Manual do Julgador. In: Liesa Globo. 2024. Disponível em: <https://liesa.globo.com/carnaval/manual-do-julgador.html> Acesso em 20 out. 2023.

Samba-exaltação - O sol nascerá .. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/unidos-do-viradouro-rj/samba-exaltacao-o-sol-nascera/>.

Acesso em 20 out 2023

Post Facebook - Quadra da Viradouro após reforma. Disponível em: <https://www.facebook.com/eusoudeniteroi/posts/2230985846985443/>. Acesso em 01 dez 2023

História - Unidos do Viradouro. Disponível em <https://unidosdoviradouro.com.br/historia/>. Acesso em: 05 set 2023

Confira a configuração das seis divisões do Rio de Janeiro. In: Carnavalesco, 2019. Disponível em [:https://www.carnavalesco.com.br/carnaval-2020-confira-a-configuracao-das-seis-divisoes-do-rio-de-janeiro/](https://www.carnavalesco.com.br/carnaval-2020-confira-a-configuracao-das-seis-divisoes-do-rio-de-janeiro/). Acesso em 25 out 2023

Fotogaleria: Veja a beleza e o brilho dos desfiles das escolas de samba na Marquês de Sapucaí. In: Prefeitura Rio, 2022. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/fotogaleria-veja-a-beleza-e-o-brilho-dos-desfiles-das-escolas-de-samba-na-marques-de-sapucaí/>. Acesso em 01 dez 2023

Viradouro 2020: Escola levanta Sapucaí em desfile arrebatador e entra na disputa pelo título. In: SRZD. Disponível em: <https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/viradouro-2020-escola-levanta-sapucaí-em-desfile-arrebatador-e-entra-na-disputa-pelo-titulo>. Acesso em 01 dez 2023

Viradouro Carnaval 1997. In: SRZD. Disponível em <https://www.srzd.com/colunas/viradouro-carnaval-1997>. Acesso em 01 dez 2023